

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
TAÍSSA LOPES FRÓES**

**PAISAGENS DO PERTEN(SER): DINÂMICAS
AUTOBIOGEOGRÁFICAS ENTRE O CERRADO E O MAR**

**GOIÂNIA
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: **Taíssa Lopes Fróes**

Título do trabalho: **Paisagens do pertencimento: dinâmicas autobiogeográficas entre o cerrado e o mar**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Taíssa Lopes Fróes, Discente**, em 12/12/2024, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5035787** e o código CRC **DAF5F9BB**.

Referência: Processo nº 23070.015726/2024-02

SEI nº 5035787

TAÍSSA LOPES FRÓES

**PAISAGENS DO PERTEN(SER): DINÂMICAS
AUTOBIOGEOGRÁFICAS ENTRE O CERRADO E O MAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Dr. Odinaldo da Costa Silva

**GOIÂNIA
2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fróes, Taíssa Lopes
Paisagens do Perten(Ser) [manuscrito] : Dinâmicas
Autobiográficas entre o Cerrado e o Mar / Taíssa Lopes Fróes. -
2024.
LXXXIII, 83 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva; co-orientador Dr.
Wolney Fernandes de Oliveira; co-orientador Dr. Manoela dos Anjos
Afonso Rodrigues.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias.

1. Autobiografia. 2. Cerrado . 3. Colagem. 4. Mar. 5.
Pertencimento. I. Silva, Odinaldo da Costa, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 9 dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 8h no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Paisagens do pert(en)ser: dinâmicas autobiogeográficas entre o cerrado e o mar**, de autoria de **Taíssa Lopes Fróes**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG) e Prof. Dr. Wolney Fernandes de Oliveira (EMAC/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC Aprovado. A banca ressalta a relevância da produção audiovisual da estudante e recomenda a continuação da pesquisa.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 05:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 09:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Fernandes De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 13/12/2024, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5024641** e o código CRC **4B951D9B**.

Dedico esta pesquisa a todos os que não pertencem aos espaços que os cercam, aos que vagam incansavelmente, guiados pelo desejo de encontrar um lugar onde possam, enfim, existir. Que essa busca nos lembre: o verdadeiro pertencimento talvez não seja um ponto fixo no mundo, mas a coragem de se reinventar em cada um deles.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, rendo minha gratidão àqueles que vieram antes de mim, pavimentando o caminho que hoje trilho. A todos que, de alguma forma, facilitaram para que minha vida encontre seu rumo, deixo meus mais profundos agradecimentos. À minha família, guardiã de memórias infinitas e registros preciosos, que, por um acaso ou destino, transformaram-se em matéria viva para os meus trabalhos. Obrigada por preservar fragmentos do tempo, permitindo que eu os ressignifique em minha jornada.

Aos amigos, aos encontros e desencontros que atravessaram – e seguem atravessando – minha história, deixo minha reverência. São vocês que me inspiram, que me instigam a me reinventar, impulsionando a busca incessante pelo meu lugar no mundo.

Estendo meus mais sinceros agradecimentos à Universidade Federal de Goiás, espaço que acolheu e nutriu esta pesquisa. Em especial, expresso minha admiração e reconhecimento aos professores e doutores Odinaldo da Costa Silva, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues e Wolney Fernandes de Oliveira. A sua dedicação, apoio e orientação foram fundamentais para a construção deste trabalho. Sem vocês, nada disso teria sido possível. Que esta obra transmita um pouco do brilho e do cuidado que recebi de todos.

*Eu sou seu sol, seu céu, seu mar
E outras ondas
O que você disser que não, eu sou
(...) Se tudo está solto
O que resta é eu me juntar
O novo é qualquer lugar*

Boogarins

RESUMO

A pesquisa Paisagens do Perten(Ser): Dinâmicas Autobiogeográficas entre o Cerrado e o Mar pretende, através da investigação de caráter autobiográfico, discutir a relação entre minhas produções artísticas, as paisagens referentes ao Cerrado e ao Mar, e o entendimento do espaço enquanto agente do pertencer. Utilizando como metodologia central a Colagem, atravesso as técnicas de videoarte, *stop motion*, fotografia, desenho e escrita, analisando meu processo artístico tendo como ponto de partida estes lugares que são símbolos de tantas memórias essenciais em meu desenvolvimento, não apenas como artista, mas também como indivíduo. Evoco artistas e suas criações, que, de algum modo, moldaram meu fazer e o jeito de me fundir aos espaços que vivi, vivo e viverei. Em um eco autobiogeográfico, busco no meu pertencimento a chance de entrelaçar paisagens tão distantes, mas tão próximas para quem as guarda no coração.

PALAVRAS-CHAVE

Autobiogeografia; Colagem; Cerrado; Mar; Paisagem; Pertencimento.

ABSTRACT

The research Landscapes of Belonging: Autobiogeographic Dynamics between the Cerrado and the Sea aims, through research of an autobiographical nature, to discuss the relationship between my artistic productions, the landscapes relating to the Cerrado and the Sea, and the understanding of space as an agent of belonging. Using collage as a central methodology, I use the techniques of video art, stop motion, photography and drawing and writing, analyzing my artistic process from these places that are symbols of so many essential memories in my development, not only as an artist, but also as an individual. I evoke artists and their creations, which have somehow shaped my work and the way I merge with the spaces I have lived, live and will live in. In an autobiographical echo, I look to my belonging for the chance to interweave landscapes that are so far away, but so close to those who hold them close to their hearts.

KEYWORDS

Autobiogeography; Collage; Cerrado; Sea; Landscape; Belonging.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1 – Princípios.....	15
1.1 Colagem e Autobiogeografia.....	15
1.2 Autobiografia.....	29
Capítulo 2 – O Mar.....	38
Capítulo 3 – O Cerrado.....	59
Considerações Finais.....	80
Referências.....	82

Introdução

A arte, em suas variadas manifestações, frequentemente opera como um espelho da subjetividade humana, refletindo memórias, identidades e os espaços que habitamos e reimaginamos. Este trabalho surge de uma investigação íntima e reflexiva sobre a colagem e a autobiogeografia, explorando como esses elementos se entrelaçam na construção de narrativas pessoais e coletivas. Na base desta pesquisa, está a colagem entendida como uma prática artística democrática e transformadora, capaz de ressignificar memórias e objetos do cotidiano em composições que transcendem o tempo e o espaço. A autobiogeografia, por sua vez, insere o espaço como um elemento essencial na construção da identidade, articulando a relação entre o indivíduo e os cenários que moldam sua existência. Esses cenários são explorados neste trabalho a partir de dois espaços fundamentais: o cerrado e o mar.

O cerrado, com sua vasta horizontalidade interrompida por árvores retorcidas e seu céu imenso e alaranjado ao entardecer, evoca uma sensação de pertencimento profunda e íntima. É um lugar que carrega consigo a memória da terra, do silêncio, e da imensidão que transcende o indivíduo, oferecendo uma liberdade singular, como se o infinito do céu fosse uma extensão do próprio ser. Ao mesmo tempo, a vastidão do mar, com suas ondas constantes e horizontes que se perdem no azul, provoca sentimentos de acolhimento e de busca. É um espaço de fluxo contínuo, um eterno movimento que traduz as emoções humanas, especialmente o desejo de pertencimento e transformação.

Entre o cerrado e o mar, há um diálogo poético e existencial. O cerrado, com sua natureza sólida e enraizada, é o lugar de origem, de memória e de construção. O mar, por outro lado, é o espaço de sonhos, de aspirações e da busca por algo além. Essa dualidade é um dos pilares centrais desta pesquisa, pois ambos os espaços carregam memórias e paisagens que moldam o imaginário artístico e pessoal, não apenas como lugares físicos, mas como âncoras simbólicas e afetivas.

A partir de uma abordagem autobiográfica, este trabalho propõe uma análise do papel do "Eu" na criação artística, revelando como memórias pessoais e a conexão com esses espaços externos podem ser materializadas em obras visuais. Com isso, o estudo se expande além da esfera individual, alcançando uma dimensão coletiva, onde o ato de narrar-se torna-se uma ponte para o entendimento de histórias compartilhadas.

Este trabalho pretende não apenas investigar esses conceitos em sua profundidade teórica, mas também aplicá-los na prática artística, utilizando a colagem como veículo expressivo para explorar as complexidades das relações entre memória, espaço e identidade. A colagem, nesse contexto, atua como o elo entre o cerrado e o mar, permitindo que essas paisagens, ainda que tão diferentes, coexistem e se complementem no imaginário criativo. Assim, busca-se contribuir para a compreensão de como as vivências pessoais e os espaços que habitamos podem se transformar em produções artísticas e, ao mesmo tempo, ressoar com experiências coletivas.

Capítulo 1 - Princípios

1.1 - Colagem e Autobiogeografia

Tudo é colagem. Desde uma tira de papel recortada de uma revista antiga até as histórias que garimpamos em nossas memórias, estamos constantemente criando novas composições. A colagem surge para mim como uma tentativa de costurar, amarrar, ou até mesmo desfazer, minhas histórias já coletadas e aquelas que tento alcançar. Percebo que, para iniciar uma pesquisa especialmente autobiográfica, é preciso adotar a colagem como o cenário onde esta se desenvolve em toda a sua amplitude característica. Assim como folhear um livro em busca de algum elemento gráfico que chamou minha atenção, olhar para meus registros autobiográficos com a intenção de trazê-los para uma pesquisa ou trabalho é repetir os processos de procurar - escolher - rasgar - cortar - elaborar e, por fim, colar em outra superfície.

Ao ler o artigo *Pesquisa Autobiográfica em Artes: Apontamentos Iniciais*, escrito por Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues e publicado pela revista Nós (2021), encontrei o processo de construção de um trabalho autobiográfico que se diferencia pela adição de novos elementos: espaço, deslocamento e pertencimento. No artigo, essa ramificação é chamada de *Autobiogeografia*, surgindo de uma perspectiva autobiográfica, mas colocando em primeiro plano os elementos espaciais que atravessam a experiência de pesquisar a si mesmo. Acredito que, trabalhando com colagem, é clara a escolha de navegar na autobiogeografia, pois com ela crio minhas próprias paisagens, cenários, contextos e imersões, compondo ambientações às quais me sinto pertencente.

Esta pesquisa se dá enquanto autobiogeográfica, uma vez que ao investigar as relações de pertencimento que estão na minha história, o que toma maior proporção são as paisagens que transitam entre o cerrado e o mar. Defendo que sem o espaço, nada sou, nada experiencio, a nada pertencço, entendo as ambientações como um dos principais pilares na vida de alguém, as coisas que nos cercam, os horizontes que estamos sujeitos são essenciais para a construção do nosso imaginário, de como entendemos o mundo ao nosso redor. Sendo assim, para mim, a autobiografia é um recorte centrado da pesquisa, já a autobiogeografia é o conjunto da investigação, é de onde tudo se parte, de onde tudo se cria, ou melhor, tem contexto para se criar. No fundo, todos somos autobiogeográficos.

No texto de Manoela, quando escreve: "Entender 'lugar' como arranjo singular e temporário de uma multiplicidade de histórias de auto localização" (p. 98), automaticamente me sinto conectada a essas narrativas, pois a minha se entrelaça, quase codependente, à onde meu corpo existe ou, pelo menos, deseja existir. Minha prática artística se alimenta dessas transferências corporais, seja existindo em um espaço, seja em um lugar, sendo o primeiro um ponto de partida, e o último a minha busca incessante.

A “invenção” da colagem é entendida como inicial na primeira década do século XX, vista enquanto um passo fundamental na história da arte ocidental. Produto do seu tempo, a colagem acumula recursos conforme o desenvolvimento da indústria gráfica, relacionada tanto à propaganda quanto ao comércio de bens de consumo manufaturados. Seja o consumo indireto ou direto de aparatos impressos, o plano coletivo e individual se alteraram com essa grande mudança na produção de imagens. Desse modo, a paisagem urbana se transformou brutalmente e segue se transformando; a abundância de material impresso de caráter efêmero em circulação é um fato. Apropriar-me deste material, além de ser parte de meu processo artístico, documenta as vivências, não apenas minhas, mas também daqueles que, estando em meios urbanos, colecionam memórias e repertórios pessoais. Colagem é memória: panfletos que pegamos na rua, cartões que escrevemos ao presentear alguém, adesivos que trocamos com amigos, as fotografias nos álbuns de família, os pôsteres das bandas que amamos — todos armazenam traços e rascunhos de nossas vidas.

Hannah Höch (1889-1978), uma das figuras centrais do movimento dadaísta alemão e pioneira nas contribuições da coletiva como técnica artística de destaque, revelou que o ato de colar transcende a simples transferência de materiais para uma nova superfície. Trata-se, sobretudo, de uma forma de apropriação do mundo e de seus produtos culturais, com o objetivo de construir narrativas que expressam a relação entre o ser humano e os objetos que o circundam. Esses objetos, por sua vez, podem ser interpretados tanto como representações da sociedade quanto como reflexos de nós. Em *Cut with the Kitchen Knife Dada Through the Last Weimar Beer-Belly Cultural Epoch in Germany* (1919), Hanna cria um complexo conglomerado de imagens contrastantes (Figura 1). De um lado, estão representados os dadaístas, incluindo figuras de destaque do movimento artístico da época; do outro, encontram-se os chamados "anti-dada", representados por fotografias de membros do governo alemão em contextos militares. Essa composição reflete a experiência de viver em um mundo saturado de símbolos, antagonismos e contradições. Por meio dessa justaposição,

a obra ilustra a coexistência simultânea de elementos diversos, seja de forma harmônica ou repressiva. Além disso, os elementos gráficos integrados no processo artístico simbolizam as múltiplas complexidades que caracterizam a condição humana enquanto seres coletivos e sociais.

Victor Rezkallah Iwesso, em seu texto *Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea* (2010), ao discorrer sobre o surgimento da Bricolagem e a relação dos artistas da segunda metade do século XX com o meio social, diz:

Outro aspecto igualmente relevante que reforça o gesto inovador do artista implica a escolha do papel de parede como material. Obras anteriores a Fruit Dish atestam que uma busca por outras soluções formais já estava em andamento - como o uso de areia, cinza e serragem, por Braque, e a escolha de Picasso pelo Ripolin - dando ênfase à materialidade da tinta. A aplicação de um elemento industrializado, contudo, cria no âmbito da arte relações semânticas de outra ordem. A série de *papier collés* que Picasso e Braque fariam a partir de então deixa claro que a escolha da matéria-prima é deliberada. Os elementos que figuram nessas obras provinham de um repertório que se aproximava mais do cidadão urbano comum, frequentador das salas de entretenimento popular, do que do connoisseur habituado aos corredores do Louvre. A esfera mundana predomina tanto no uso frequente de recortes de jornais como nas referências escritas a canções populares da época. (Iwesso, 2010, p. 6).

Existe um caráter democrático no fazer do colagista; referências que habitam um imaginário coletivo, acessível e cotidiano se tornam fonte abrangente de signos e significados dos quais o artista pode se apropriar. A colagem enxerga algo de brilhante no corriqueiro, no ordinário, naquilo que passa despercebido aos nossos olhos, mas retém parte admirável do nosso entendimento de mundo.

Dizer que em minha pesquisa tudo é colagem, é entender esta prática como um exercício de procura incessante de histórias, não necessariamente apenas as minhas, mas sim de todas as pessoas e materiais que, mesmo sem querer, contribuíram para que uma ideia se concretizasse. A colagem, assim como o espaço, é uma grande composição de fábulas individuais que, por algum acaso, acabaram se entrelaçando, e assim, por meio dessa contribuição coletiva, geram novas a se contar.

A colagem e a autobiogeografia possuem uma relação íntima com o espaço; ambas são sustentadas e moldadas pelo que o ambiente — externo ou interno — tem a oferecer. A

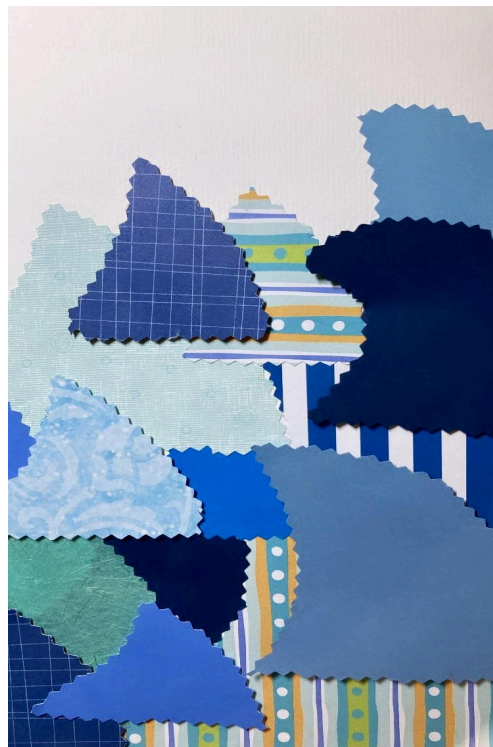
colagem coleta fragmentos, retalhos do mundo lá fora, enquanto a autobiogeografia explora as camadas de memória e experiência do mundo interior. Essa percepção, de que a pesquisa do espaço pode preceder o indivíduo, sugere que os lugares são o berço de tudo que alguém pode vivenciar, como se carregasse em si a possibilidade de tudo que há. Contudo, há uma troca constante: os espaços não são apenas recipientes passivos; eles também são marcados, preenchidos, transformados pela presença humana. Assim, o que é um lugar sem as pegadas que o atravessam, sem os olhos que o descobrem? As pessoas moldam os espaços, interferindo na sua forma e significado. Então, surge uma questão que transcende o tempo e o lugar: o que veio primeiro, o espaço ou o indivíduo? O lugar molda a experiência, ou é o indivíduo que dá sentido ao lugar? É um ciclo onde cada parte depende da outra, uma dança contínua entre o que somos e onde estamos, em que o espaço e o ser se constroem mutuamente.

Descobrir a autobiogeografia foi como encontrar um recanto no vasto território da arte; não apenas o reconheci, mas agora o hábito – ainda que, talvez, ele sempre tenha habitado em mim. Em seu artigo, quando Manoela escreve:

A ligação entre arte e autobiografia gera conexões importantes por meio de experimentações nas quais artistas exploram suas próprias *posicionalidades*, seja como sujeitos registrando suas singularidades, seja como indivíduos em busca de conexões com diversas coletividades (ROGRIGUES, 2021, p. 100)

O que mais me fascina nesta abordagem de pesquisa são as diferentes percepções que, partindo de um cenário em comum, as pessoas podem formar, independentemente da proximidade e convivência entre elas. Podem ser indivíduos que habitam a mesma paisagem, mas cada um carrega uma lente única para enxergar o mundo ao redor; assim, o que vemos nunca é o mesmo. Diante disso, é possível afirmar que a autobiogeografia e a memória são inseparáveis, como duas faces de uma mesma moeda — uma precisa da outra para entrelaçar sentido e profundidade. Espaço e lugar são como mapas internos que se guiam a partir das nossas lembranças pessoais, mas quando a angústia é comum, não há fronteiras: somos atravessados uns pelos outros.

No trabalho *Meu Mar* (2024), o ponto de partida foi o material de *scrapbook* que encontrei nas antigas caixas de minha mãe, ela costumava decorar os álbuns fotográficos de família com vários papéis, laços, carimbos, tesouras, todos com diferentes texturas (Figura 2). Por meio desse encontro, me apropriei dos materiais na tentativa de reviver e elaborar novamente



Registros do processo de criação de *Meu Mar* (2024)



Figura 2 - *Meu Mar* (2024) / Papel A2 - 42 x 59,4 cm / Colagem analógica feita a partir do acervo da artista: papéis, conchas, espelho e giz pastel oleoso

Em *Meu Cerrado* (2024) também utilizei o acervo pessoal de minha mãe, entretanto, procurei trabalhar um outro aspecto de minhas ânsias: tornar o espaço de onde vim mais habitável. Diferente da horizontalidade do mar, o que mais me chama atenção no Cerrado de Goiás, é sua verticalidade, mais especificamente: o seu Céu. Sou engolida pelo alaranjado do entardecer e ressurjo durante sua noite estrelada, silenciosa, imensa e íntima, como um abrigo (Figura 3). É um céu que carrega a profundidade de um oceano, só que feito de ar e luz. Em minhas lembranças vívidas e não inventadas, me recordo de olhar para cima com o mesmo fascínio com que contemplo o mar, como se ele também tivesse seu próprio infinito — um infinito não revelado, mas pressentido, que me oferece uma sensação singular. O céu do Cerrado me trazia, e ainda traz, uma liberdade que se assemelha à que senti no litoral. Mesmo longe das águas salgadas, encontro nesse céu uma vastidão que me abraça, um aconchego inigualável, como se eu pudesse sempre voltar para ele. Posto isto, *Meu Mar* e *Meu Cerrado*, embora se desenhem em representações tão diversas, cada uma com sua forma singular,

ambos brotam de uma mesma essência, de um acervo compartilhado, de uma história que as entrelaça. A colagem permite à pesquisa autobiográfica a possibilidade de estender-se não só pelos espaços concretos que estivemos, mas também poder ancorar nossas recordações naqueles lugares que inventamos e que nos influenciam com a mesma intensidade.



Registros do processo de criação de *Meu Cerrado* (2024)



Figura 3 - *Meu Cerrado* (2024) / Papel A2 - 42 x 59,4 cm / Colagem analógica feita a partir do acervo da artista: papéis, flore de tecido, pedras naturais, espelho e giz pastel oleoso

Colar minha infância, em cima de minha maturidade, ao lado do acervo de mamãe para enfim conceber ao papel a paisagem de meus sonhos é como viver uma dobra no espaço-tempo, onde passo a me resgatar, me reelaborar e me entender enquanto alguém que está sujeito à colagem. Colar é o que me resta, é assim que posso encontrar um lugar que me pertence sem que eu o pertença. Um espaço que talvez seja um desejo antigo, uma paisagem que caminha ao meu lado, ainda que meus pés jamais toquem seu solo. Ou quem sabe, uma reinvenção das vivências, resgatadas sob uma luz mais suave, uma moldura idealizada daquilo que gostaria que fosse. A montagem não é suficiente, posicionar estes elementos em uma superfície, não me sacia. É preciso grudar, fixar, colar, pertencer e, por fim estar, ainda que em papel, onde almejo. A colagem é cúmplice da minha tentativa, é ela que proporciona reviver meus anseios de criança, o deslocamento para onde eu quiser ir, a criação de um espaço que é meu assim como sou dele, é com ela que viajo nos três tempos escolhendo qual deles eu quero estar.

No Stop Motion *A Praia de Giz* (2023) novamente utilizei da colagem, contudo, de uma maneira diferente. Em busca de uma memória não vivida, a partir de uma gravação caseira de

meu afilhado, retirei e imprimi os frames do vídeo com a intenção de desenhar em giz pastel a sua primeira ida à praia (Figura 4). A criança, cujo sonho se realizou em fantasia, adentra o mar descobrindo e interagindo com os seres que ali viviam, até que enfim se torna um deles. O trabalho se apropria da colagem a partir da transferência, embora em animação, de uma criança à praia, de um corpo que ali não pertencia, porém almejava tal paisagem e, colando-o neste cenário fictício a experiência é proporcionada finalmente.

A colagem também é uma aposta, nem sempre é possível fixar os elementos de fato, muitas vezes existem impeditivos maiores que limitam a junção de coisas que podem existir conjuntamente, meu afilhado ainda não conhece a praia, ainda não tocou a areia quente, nem sentiu as ondas baterem em suas pequenas pernas, mas em algum lugar, de alguma forma, ele estava ali, ou, melhor um fragmento seu se integrava àquela composição. David Hockney (1937), um artista de renome nas esferas do stop motion e da colagem, elucida a intrínseca relação entre essas duas manifestações artísticas, ressaltando sua capacidade de recontextualizar a realidade. Ele argumenta que, ao desconstruir as dimensões do tempo e do espaço, essas técnicas permitem a criação de novas narrativas envolventes, a relação entre as técnicas fica clara na abordagem estética escolhida para o trabalho *Pearlblossom Hwy* (1986) que consiste em uma série de colagens fotográficas que captam a paisagem do deserto da Califórnia, combinando múltiplas imagens para criar uma única cena panorâmica (Figura 5).



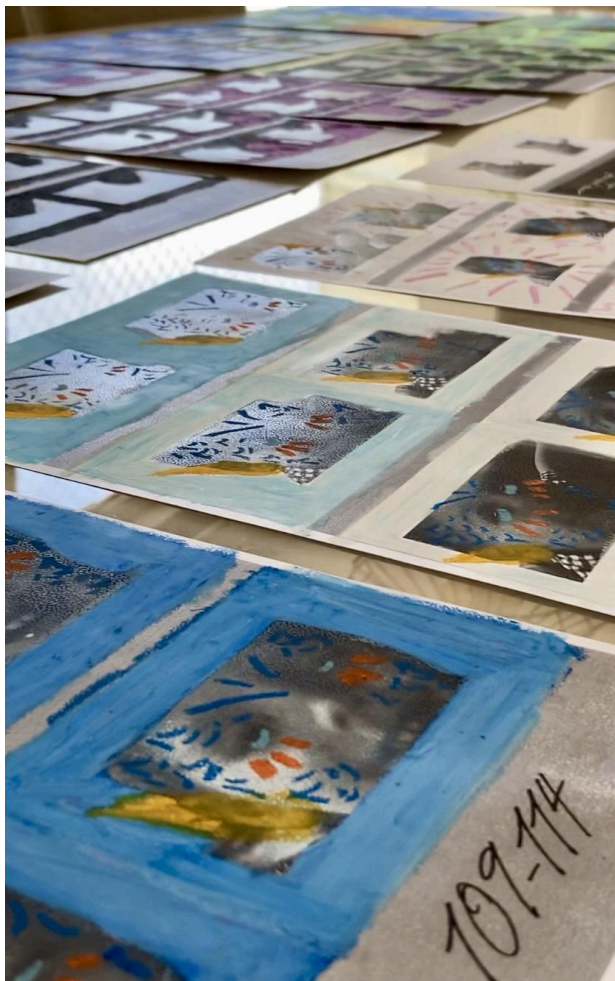


Figura 4 - *A Praia de Giz* (2023) / 47 seg. / Stop Motion com interferências à mão em giz pastel oleoso / Trilha Sonora: Heroes - David Bowie

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)



Figura 5 - *Pearblossom Hwy* (1986) / David Hockney / Colagem de fotografias compostas digitalmente

Assim como *A Praia de Giz*, a obra de Hockney trabalha com o lugar inventado que, de certa forma, habitamos em algum momento. Ao reunir fragmentos de diferentes estradas, o artista compõe uma imagem repleta de instantes que agora se pertencem, mas que, sem o toque humano, jamais se uniriam. E é o anseio que nutro por meu afilhado que me permite imaginar cenários, mesmo que fictícios, onde ele possa estar. O espaço nasce, sobretudo, desse desejo instintivo; somos visceralmente ligados às paisagens que imaginamos, como se viver sem elas fosse impossível. Essas criações desvelam um questionamento profundo: talvez somos atraídos a nos encaixar por inteiro apenas nos lugares que refletem nossas memórias e ambições. E, se esses espaços não existem, resta-nos criá-los, desenhando do zero a paisagem que idealizamos, mas ao mesmo tempo experimentamos.

Por um lado, a colagem pode ser bastante agressiva, pois rasga, remaneja, apropria-se e fixa coisas que antes não pertenciam umas às outras. Às vezes, a “não-colagem” pode ser ainda mais feroz, visto que permanecer no mesmo lugar pode ser uma experiência de absoluto não-pertencimento. Nesse sentido, a colagem surge como solução, síntese, alternativa, a

ligação inevitável entre coisas que se pertenciam sem antes saberem. Em meu trabalho, a colagem sugere uma possibilidade de “fazer parte” e, sobretudo, de ser autora dessa inserção; Assim como Victor Rezkallah escreveu: “Imagens são sempre compatíveis, mesmo quando as realidades que retratam não são” (p. 15) me vejo nesse infinito esforço de me compatibilizar com o cerrado, a paisagem de onde vim e que muitas vezes me é estranha, e com o mar, a que tanto almejo e que na maioria das vezes me é inalcançável. Portanto, no instante em que me reinvento, encaixando-me em cenários que eu mesma criei, existe uma autonomia, independência e liberdade ímpares que busco desde a infância.

A colagem sempre esteve presente em minha vida. Coletar pôsteres de bandas e colar vários na parede do quarto, ver minha mãe fazendo *scrapbook* com nossas fotos de família, ir à escola e trocar figurinhas e papéis de carta com outras crianças, olhar para a estrada amarela e seca do cerrado e apertar os olhos imaginando ver ondas do mar são memórias que armazeno sobrepostas, misturadas, retalhadas, criando um imaginário onde tudo sempre se mistura e, principalmente, se cola em diferentes cenários íntimos. Vejo o “colar” como um manejo independente, autônomo e único de narrativas, uma escolha consciente de onde se quer estar, não necessariamente permanecer, mas estar.

Autobiogeografar exige de mim um mergulho na eterna tentativa de pertencer a dois lugares tão distintos, o cerrado e o mar. O espaço é o elemento que tanto procuro em minhas investigações, ou melhor, aquilo que dele me lembro e a que me apego. Na edição de abril de 2023 do *Jornal da USP*, segundo a psicóloga Miriam Debieux Rosa, "pertencimento é a percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo, de uma nação". À vista disso, pertencer exige essa percepção de uma vida que vai além da nossa; é um sentimento que aflora conforme somos influenciados pelo ambiente em que estamos. O colar e o pertencer possuem isso em comum: a necessidade de buscar fora, sem a certeza de encontrar. No entanto, o que interessa a ambos os verbos é justamente a procura. A jornada, o deslocamento, a coleta, o garimpo são ações que permeiam tanto a colagem quanto o processo de quem almeja pertencer. Trabalhar com a colagem, em um contexto autobiogeográfico, traz um vislumbre de como seria me adequar a um espaço, ou melhor, me integrar a ele, de como seria finalmente poder existir sem o ímpeto de fugir. A colagem é o quarto, a casa, o cerrado e o mar que possuo enquanto não os tenho de fato.

Colagem, espaço e memória são como os vértices de um triângulo, onde cada par sustenta e dá vida ao terceiro. Nesse sistema de conceitos a junção de colagem e espaço dá origem às vivências, histórias e à construção do nosso repertório. Espaço e memória são solo fértil para que a colagem desabroche, é impossível criar na ausência desses elementos. Já a união de memória e colagem, transforma o jeito que nos relacionamos com o ambiente, adiciona sentido às nossas narrativas espaciais. Em minha pesquisa, tal tríade é, assim como as pirâmides do Egito, o alicerce de toda uma história, no caso, a história da minha formação artística, dos meus trabalhos e experimentações. Fazendo a somatória dessas três potências, a dinâmica que surge é justamente a ânsia por pertencer ao menos a uma dessas pontas.

A Autobiogeografia me presenteia com a adição de mais uma questão na produção de uma pesquisa autobiográfica: o espaço. Da mesma maneira, a colagem é uma eterna sugestão de espaços. Quando observamos uma composição de elementos distintos, com suas diversas imagens, texturas, recortes e dimensões, imaginamos de onde vieram e como chegaram até aqui. Esses elementos podem ter vindo de revistas, jornais, livros, embalagens e, na maioria das vezes, suas origens são as mais improváveis. Esses materiais viajantes colaboram para o tom geográfico e coletivo que a colagem possui. Mesmo que discretamente, ela é capaz de armazenar a história, desde a origem até o destino das coisas. Portanto, em meu trabalho, tudo é colagem. Esta pesquisa se apoia nessa linguagem como principal expressão artística. Seja me apropriando das técnicas audiovisuais, fotográficas, bidimensionais ou tridimensionais, minha investigação é um ciclo sem fim de compor pessoas, narrativas, cenários, memórias, textos e questionamentos que atravessam tantas épocas, motivações e perspectivas.

1.2 - Autobiografia

Entre a colagem e a autobiogeografia habita-se um elemento central: o Eu, raiz e rumo de toda a pesquisa; mais precisamente, uma construção de autopercepção. Confesso que resisti à auto investigação por um tempo, mas, seja por destino ou sina, estou em tudo o que faço; não há fuga possível. Decidi, então, apresentar esta pesquisa a partir do prefixo “auto”, pois, em cada espaço que atravesso, em cada paisagem e cenário que adentro, fatalmente encontro-me. Entender a autobiografia como recurso de todo este trabalho é aceitar que há uma presença íntima em tudo o que faço, uma marca de personalidade que não se dissocia da criação. Não há arte isenta das bagagens que cada um carrega. Arte e vida são, assim, fios entrelaçados, trilhando juntos uma sincronia incessante.

No caminho de entender minha pesquisa como um espelho de mim mesma, lancei-me no primeiro *stop motion* em que utilizo minha imagem em vez de me apoiar em rostos alheios. *Meninice* (2023) é um trabalho confessional, onde todos os *frames* desenhados à mão, revelam o quanto ainda carrego a minha versão enquanto menina (Figura 6). Costumo dizer que tento ser mulher, apesar de transparecer minhas meninices a todo instante. No processo, lembrei-me de todas as garotas com quem troquei confidências sobre essa inquietação: o sentir-se suspensa, entre o fervor da juventude e a expectativa de maturidade. Pedi que cada uma me enviasse uma foto e, com o mesmo giz de cera que usava quando criança, redesenhei nelas traços daquela fase em que a arte ainda me era prematura.

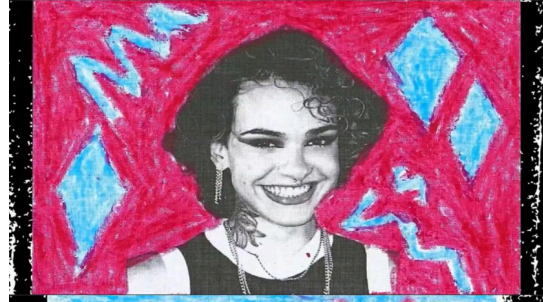
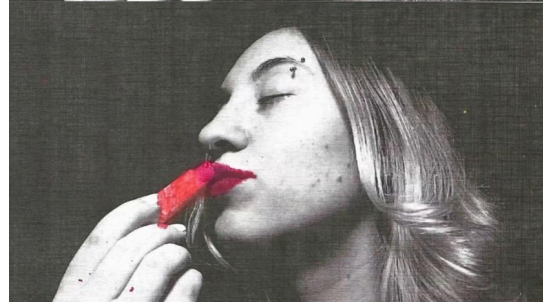


Figura 6 - *meninice* (2023) / 2min e 4 seg. / Stop Motion com interferências à mão em giz pastel oleoso e giz de cera / Trilha Sonora: 20 anos Blue - Elis Regina

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

Após *Meninice*, senti-me atraída a revisitar as meninas que já passaram pela minha história, especialmente em minha família. Nas antigas fitas caseiras que meu pai gravou nos anos 2000, encontrei registros que preservam a espontaneidade e a força das mulheres que me moldaram: imagens de minha mãe, avós, tias e primas, dançando, rindo, fazendo aquilo que há de mais íntimo em suas personalidades. Em *Mulher-Menina: Vestígios de uma Inocência Eterna* (2023), propus-me a explorar essa outra face da vida adulta feminina: a fidelidade aos vestígios de sua inocência e a força de nunca abandonar a própria *meninice* (Figura 7). Manter-se menina é um ato de coragem, historicamente apagado das mulheres. Este trabalho revela a importância das pesquisas com raízes autobiográficas, sobretudo em meios acadêmicos, pois são por meio delas que resgatamos questões profundas e atemporais, que se entrelaçam às vidas de diferentes pessoas, em diferentes tempos.

Assim como meu pai, que buscava nas suas fitas capturar a essência única das mulheres que nos rodeavam, o longa metragem *As Virgens Suicidas* (1999) revela a vida de cinco irmãs sonhadoras, lançadas com força ao turbilhão da adolescência – um ciclo inquietante que marca e molda suas pequenas vidas (Figura 8). A trajetória dessas irmãs é costurada por fios de amor e repressão, fantasia e horror, desejo e morte, memória e anseio, e tudo isso é narrado por um grupo de garotos enfeitiçados pelos enigmas daquela família. Dessa maneira, tanto minha produção quanto a de Sofia são construídas sob uma "documentação observada" filtrada por lentes masculinas. Particularmente, acredito que meu pai, tal como esses meninos, parece ter se deixado arrebatar pela força vibrante dessas *Mulheres-Meninas* e, no fundo, talvez sonhasse em poder expressar a vertigem profunda e hipnotizante do crescimento feminino. Hoje, ao me apropriar dessas gravações, redesenho a trajetória dessas histórias, deixando que sejam narradas por suas verdadeiras donas. Nessa jornada autobiográfica, carrego a responsabilidade de dar voz ao que o tempo lhes silenciou.

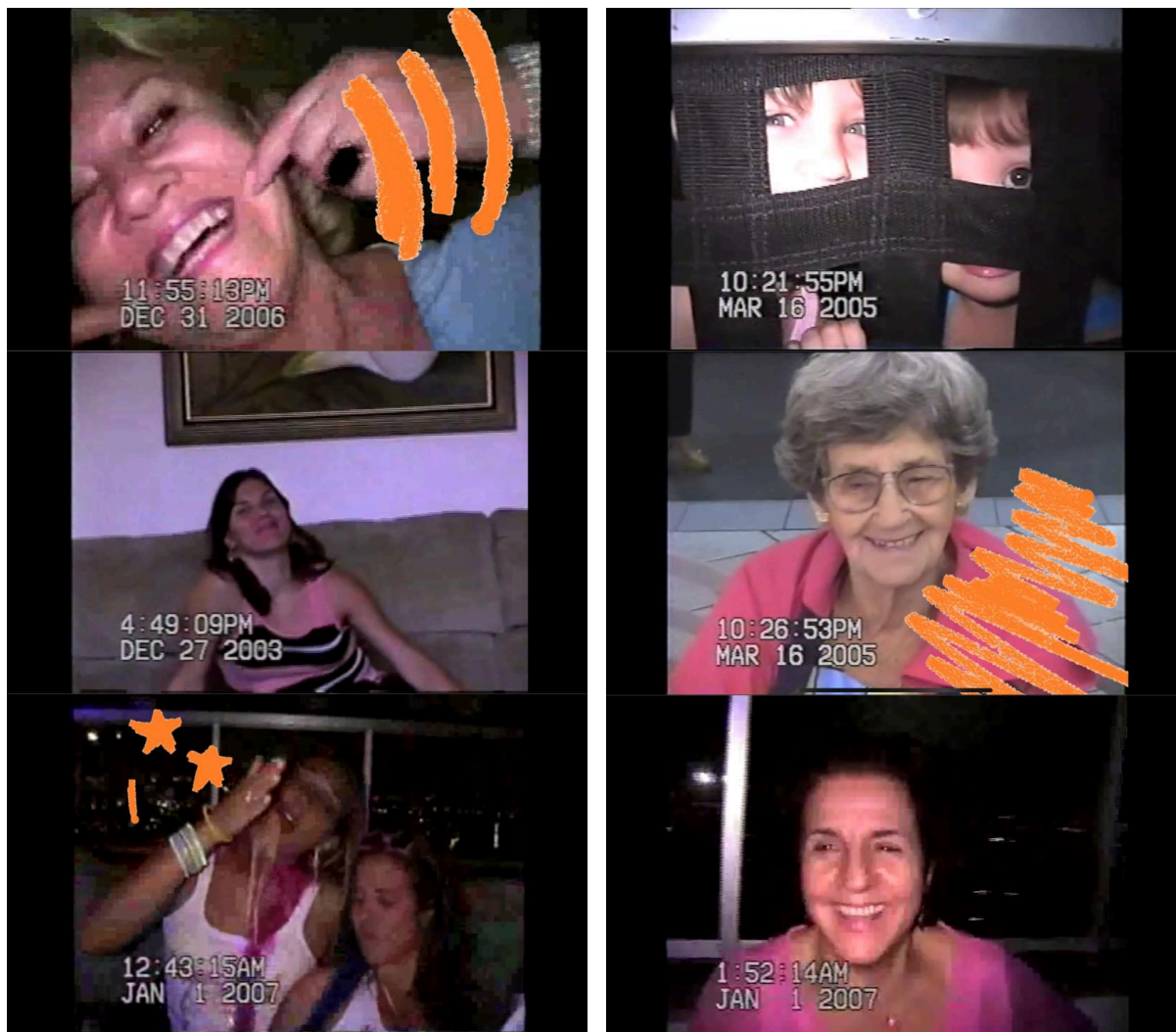


Figura 7 - *Mulher-Menina: Vestígios de uma Inocência Eterna* (2023) / 3min e 9 seg. /
 Videoarte com animações digitais / Trilha Sonora: Love Profusion - Madonna

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)





Figura 8 - *As Virgens Suicidas* (1999) / Sofia Coppola / Imagens retiradas do filme

Partindo do entendimento de que esta investigação se enlaça profundamente às minhas próprias produções, em agosto de 2023, iniciei uma nova fase ao reconciliar-me com o território íntimo da autobiografia e realizar meu primeiro autorretrato. Ao falar desses "primeiros", refiro-me ao fato de que, até então, nunca me permiti estar tão explicitamente presente em minha própria arte. Quando somos crianças, desenhamos a nós mesmos sem hesitar, em cada traço, gesto e rabisco. Mas, à medida que cresci, escolhi uma espécie de ausência figurativa, uma distância consciente que mantive entre o eu-criador e o eu-criado. Contudo, em *Autorretrato 1* (Figura 9), iniciei os questionamentos de quem sou e o que produzo diante disso. Logo em seguida produzi *Autorretrato 2* (Figura 10), uma variação em que brinco com a colagem na intenção de adicionar fragmentos, não personificados, mas que complementam a construção de minha auto imagem.

No curta-metragem *Perten(Ser)* (2024), busco referências em meus autorretratos para dar vida a uma personagem cujo maior desejo é se lançar do cerrado em direção ao mar (Figura 11). Na primeira boneca, inspirei-me nesse anseio ainda em embrião, quando o objetivo é distante, e assim suas roupas e acabamentos são mais neutros, apagados, quase contidos –

exceto pelos grandes olhos verdes, vivos e atentos, prontos para refletir todo o trajeto que está prestes a percorrer. Já na segunda boneca (Figura 12), me espelho em *Autorretrato 1*, tentando expandir minha própria imagem para além do papel. Ela veste o amarelo bem quente para remeter às paisagens do cerrado e traz o azul suave dos vislumbres do mar, como se ao mesmo tempo, armazenasse em si esses dois lugares. Ela não os veste apenas; ela é cada um deles. Nos detalhes das duas bonecas, além de trazer meus autorretratos amadurecidos, revisitei meus antigos desenhos de infância, coletando as formas de como eu me enxergava até então. As cores vibrantes, as cabeças desproporcionalmente grandes e, claro, os olhos imensos e expressivos, se mantiveram consistentes na composição escolhida.



Figura 9 - *Autorretrato 1* (2023) / 148x210mm / Giz pastel oleoso sobre papel



Figura 10 - Autorretrato 2 / Colagem digital com elementos analógicos escaneados



Figuras 11 e 12 - *Perten(Ser)* / 13 cm / Personagem de stop motion feito em estrutura de arame com biscuit (barbantes, tecidos, papéis e adesivos)

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

Dessa forma, pode-se dizer que a investigação autobiográfica surge como uma alternativa sincera, justa e profunda para enriquecer a pesquisa acadêmica no universo da arte. Penso

que, entender vida e arte como atributos inseparáveis é assumir a importância de se contar histórias que contém várias outras. Contar a própria jornada é, assim, estender a mão para uma jornada de muitos, revelando que, no ato de narrar-se, abre-se espaço para que o coletivo fale também. E, nesse emaranhado de experiências, percebemos que a arte não é apenas uma manifestação, mas um testemunho vivo daqueles que estiveram, estão e estarão aqui.

Capítulo 2 - O Mar

O mar sempre me possuiu, ainda que eu não o possuísse. De alguma forma, a distância nunca foi capaz de nos separar. Vi-o algumas vezes, pulei algumas ondas, andei por algumas orlas; nenhuma dessas experiências foi suficiente para saciar minha sede pelas águas salgadas. Em minhas produções, busco evocar o que o mar representa para mim: seria sua imensidão? Sua cor? Seu movimento infinito? Confesso que ainda não sei. Por isso, tento mantê-lo por perto, seja pela literalidade que se revela em cada trabalho ou pelas histórias que nele vivi e que revivo incansavelmente.

Permaneço buscando o mar em meu corpo. Rodeio-me de água para sentir como se estivesse na praia, bronzeio minha pele para lembrar as queimaduras do sol, clareio meus cabelos como se o sal marítimo tivesse entrado pelos seus fios. É uma busca incessante por conexão, uma tentativa de trazer à tona os instantes vividos nas ondas e na brisa. Desejo pertencer a memórias que foram construídas com pouco, mas que, mesmo assim, são as que mais me fazem sentir pertencente, uma espécie de fidelidade a essas singulares vezes que estive diante dele. O mar é um refúgio, um lar, um eco distante que ressoa dentro de mim.

Em *As Praias de Agnès* (2008), longa-metragem dirigido pela cineasta Agnès Varda (1928 - 2019), é relatado a coleção de memórias, imagens, entrevistas e cenas recriadas da vida da própria artista. Refletindo o estilo único de Varda, a obra mistura realidade com imaginação explorando temas como a passagem do tempo, o envelhecimento, o amor e a perda. O mar e as praias funcionam como metáforas recorrentes ao longo do filme, simbolizando tanto o fluxo contínuo da vida quanto a nostalgia do passado. Logo no início, em frente ao oceano, segurando um espelho contra o peito (Figura 13), Agnès diz: “Se abriremos as pessoas, encontraremos paisagens. Se me abrirem, encontraremos praias”. Ao longo da minha jornada, sempre busquei reencontrar em mim as praias, o mar, o litoral — marcas profundas gravadas em meu ser, traçando um caminho desde o primeiro instante em que contemplei o oceano até o dia em que o verei novamente. Porém, por mais que eu tente alcançar essas lembranças, as praias, frágeis e efêmeras, surgem como um leve suspiro de memória, que, com o menor deslize da minha atenção, se desmancham no silêncio do esquecimento. É preciso que eu me registre constantemente neste espaço, que o mar não seja relegado ao meu abandono, deve ser mantido vivo, repetindo-se em tudo que faço.



Figura 13 - *As praias de Agnes* (2008) / Agnes Varda (1928 - 2019) / Imagens retiradas do filme

O mar, sobretudo, é uma dança entre a realidade e a lembrança, do que está, do que já se foi e do que será. É para onde todas as águas correm, é o início e o fim das coisas. O mar é um poço de imaterialidade ao qual me sinto adicta. A obsessão vem desde cedo: com três anos, meus pais embarcaram em uma viagem de carro até Itacaré, Bahia, onde vi o mar pela primeira vez. Não guardo na mente recordações do acontecido, mas, de alguma forma, meu corpo não se deixa esquecer. No trabalho *Invenção e Memória* (2023), inspirado pelo livro de Lygia Fagundes Telles (1918-2022), escrito em 2000, encontrei algumas filmagens que meu pai fez em VHS desse momento que tanto marcou minha vida (Figura 14). Nos vídeos, eu me jogava nas ondas, deitava na areia como se quisesse me fundir ao ambiente, corria livre, como se ninguém pudesse me tirar daquilo que mais tarde se tornaria uma ânsia profunda.

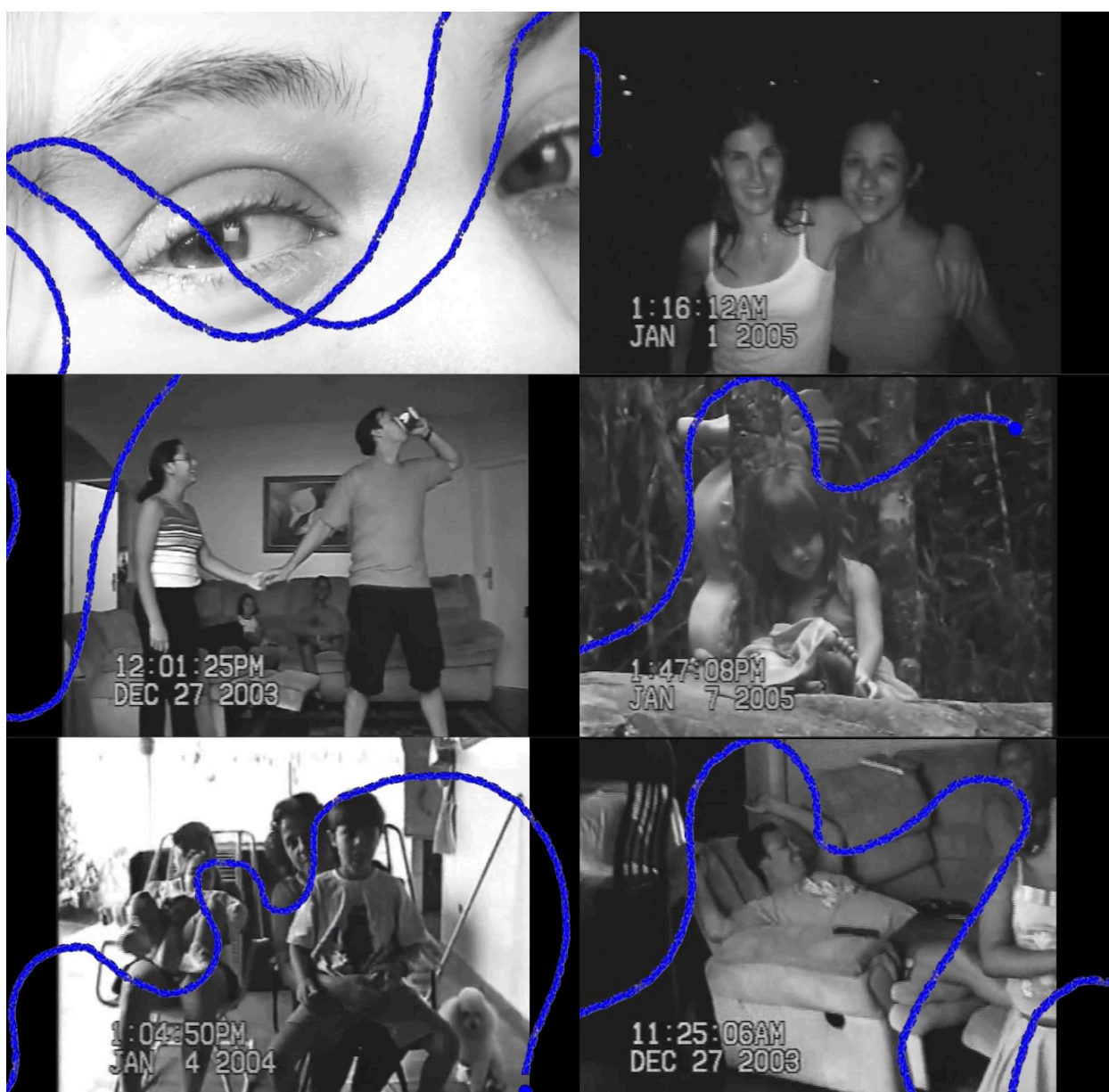


Figura 14 - *Invenção e Memória* (2023) / 02min. 56 seg. / Videoarte com animações digitais / Acervo da Artista / Trilha Sonora: Than I Close My Eyes - David Gilmour

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

Na obra de Lygia, ela nos confunde ao escrever sobre vários acontecimentos de sua vida, sem deixar claro quais são invenções e quais são memórias. Entretanto, o livro costura essas narrativas de forma tão sutil que se instala a dúvida: qual a diferença entre essas duas categorias, uma vez que tudo o que guardamos em nossas memórias possui um véu de invenção, as nuances do que realmente aconteceu e a forma como gravamos em nós? As lembranças que tenho do mar são uma junção de idades, fases, sentimentos e versões de mim que estavam presentes diante dele. Grande parte do que guardo pode ser mera invenção, contudo, prefiro lembrar-me do quanto meu corpo de criança sentiu-se em casa diante daquele mundo novo que se abria. Existe um saudosismo, não necessariamente de quem eu era naquela paisagem, mas do que eu seria se estivesse sempre ao lado do mar.

Em um trecho do conto *Nada de Novo na Frente Ocidental*, presente no livro de Lygia, é retratado o momento exato que a autora recebe a notícia do falecimento de seu pai:

O desconhecido telefonou, disse seu nome e entrou logo no assunto, O seu pai... ele não era o seu pai? Mas espera um pouco, estou me precipitando, por que avançar no tempo? Ainda não tinha acontecido nada, era manhã quando minha mãe se preparava para a viagem, ia ver minha madrinha e eu ia ver o meu poeta, espera! Deixa eu viver plenamente aquele instante enquanto comia o pão com queijo quente e já estendia a mão para o bule de chocolate, espera! Espera. A hora ainda era a hora do sonho, Eh! (Telles, 2000, p. 123)

O desejo de congelar o tempo, de estender aquele breve intervalo em que a realidade ainda não se impõe, é um anseio profundo de quem busca morar em suas memórias. A vontade de preservar momentos intocados, onde o presente permanece suspenso, revela o desejo de não apenas viver o passado, mas se fundir a ele, de encontrar abrigo em instantes que jamais voltarão. Assim como o trecho acima, quando me vejo à beira de despedir do litoral, faço um esforço para ancorar meu corpo no presente, num movimento quase desesperado de adiar o "adeus". Gostaria que o mar não fosse apenas memória de um passado distante, nem promessa vaga de um futuro incerto, mas que suas águas fossem presença viva, constante e fiel, uma certeza que pulsa no agora. A iminência da despedida é sempre dolorosa, e o intervalo até o próximo reencontro parece uma eternidade. Por isso, permito-me, ainda que

por alguns segundos, acreditar que não preciso ir a algum lugar. Nessa pequena ilusão, sinto que o oceano me pertence, e mais do que isso, sinto que, naquele momento, eu também sou parte intrínseca dele.



Figura 14 - *Invenção e Memória* (2023)

Essa conexão profunda com o mar é mais do que uma lembrança simples ou uma saudade: é uma fusão de alma, como se, ao mergulhar nas águas, eu deixasse de ser apenas uma observadora e me tornasse algo particularmente ligado àquele universo, ou melhor, me tornasse ele. Acredito que grande parte do meu fascínio pelo mar nasce da inveja que ele me desperta. Não me contento apenas em admirá-lo ou desejá-lo; preciso sê-lo. Sua liberdade imensurável, sua profundidade insondável e sua infinitude misteriosa são qualidades que eu

cobiço, como se, ao me tornar uma extensão dele, pudesse alcançar uma forma de existência mais plena. No entanto, o que mais desperta minha inveja não é apenas sua abstração ou sua abundância sem limites, e sim sua capacidade única de conter e se conectar aos três tempos: o passado, o presente e o futuro.

O mar guarda em si os tesouros do passado, como uma memória viva e interminável, onde cada onda carrega vestígios de histórias antigas, ecos de vidas que se foram e segredos há muito esquecidos. Ele abraça o presente com seu movimento constante, sua dança eterna e incansável, refletindo a fluidez da vida, sempre em mudança. E, ao mesmo tempo, ele guarda os mistérios insondáveis do futuro, escondendo em suas profundezas o que ainda está por vir, o que ainda não foi revelado.

Essa capacidade de ser, ao mesmo tempo, guardião do passado, expressão do presente e promessa do futuro é o que mais desejo. Queria, assim como o mar, ter essa fluidez atemporal, essa existência expansiva que transcende a linearidade do tempo, podendo acessar minhas memórias e nelas fazer uma morada que se estende isenta de fronteiras. Invejo sua eternidade, seu poder de estar ininterruptamente ali, de ter presenciado inúmeros arcos temporais, acessando dimensões que nós, humanos, só podemos vislumbrar. O oceano, em sua vastidão, torna-se meu refúgio, meu lugar de pertencimento, e eu me torno fragmento de sua imensidão. É uma ciranda silenciosa entre o desejo de permanecer e a inevitabilidade do ir e vir, onde o tempo parece tanto meu aliado quanto meu inimigo.

O litoral é, em minha história, como aquela possibilidade de casa, um lar que esporadicamente aparece quando nos sentimos contemplados por algum lugar, mas que logo é submergido pela realidade densa do espaço que nos cerca. O trabalho com memórias é, sobretudo, esse eterno vaivém, como o balançar das marés. Recriamos, ressignificamos, às vezes até inventamos novas camadas para aquilo que já se foi, na tentativa de dar sentido ao presente. Não por acaso, o vídeo *Invenção e Memória* é uma forma de diálogo com essa busca. Ao revisitar aquelas filmagens, percebi como a visão de minha infância naquele cenário marítimo não era exatamente como eu lembrava — ou talvez eu nunca tivesse me lembrado da maneira "certa", se é que essa "certeza" realmente existe. Ao me ver pequena, perdida e, ao mesmo tempo, conectada com a grandeza do oceano, percebi que parte da minha ânsia pelo mar não era apenas uma busca por sua presença física, mas pelo que ele representava: uma infância perdida, uma liberdade irrestrita que talvez nunca mais encontrasse, a não ser nos sonhos ou nas criações artísticas.

Escrito pela argentina Norah Lange (1905 -1972), *Cadernos de Infância* (1937) é um livro que me marcou significativamente, uma vez que nele sentia a força de uma narrativa autobiográfica. Na obra a autora revela suas vivências enquanto pequena e como essas a acompanharam até o fim de sua vida. Norah escreve:

De sua janela, sempre esperávamos as maiores surpresas. Irene nos falava de raptos, de fugas, de que em alguma manhã iria embora com sua trouxinha de roupa, como *Oliver Twist*, porque em casa não gostavam dela, ou porque alguém a esperava lá fora. Talvez por isso, sua janela sempre me pareceu misteriosa. (Lange, 1937, p. 22)

E aqui me vi com os meus sete anos escrevendo cartinhas de despedida para os meus pais, sonhando com as mais belas praias que encontraria em minha rota de fuga (Figura 16). Avisava que partiria e que não precisavam me procurar; não iria mudar de ideia, mas pedia desculpas por estar de partida. Acentuava as desculpas escrevendo “perdão” entre parênteses. Achava interessante como as pessoas pronunciavam p-e-r-d-ã-o. Na escola, aprendemos assim, e toda vez que a escrevia, pensava em como soava mais adulto. A busca pelo oceano se enraizou em mim como uma resposta à profunda necessidade de encontrar um lugar, mas não apenas qualquer lugar — eu ansiava por encontrar o meu lugar.

Na Colagem *Meu Mar* (2024) escolhi retratar o ambiente marítimo da forma em que me lembrava dele, ou melhor, com os recursos que tinha quando o conheci pela primeira vez. Desde criança, minha mãe enfeitou nossos álbuns de fotografia com *scrapbook*, uma técnica que consiste em colagens delicadas, utilizando de elementos decorativos de papelaria para embelezar composições de fotos. Ela passava horas dedicada a cada página, selecionando papéis de diferentes texturas, laços, fitas e carimbos de flores, sendo todos os aparatos minuciosamente pensados para decorar cada momento registrado. Em *Meu Mar* (Figura 15) me apropriei do que restou desse material, já que há anos minha mãe escolheu aposentar suas práticas de *scrapbook*. Utilizar tais sobras se tornou uma maneira de tocar minha infância novamente e criar o ambiente que mais me sinto pertencente a partir dos apetrechos que estavam lá quando inaugurei minha paixão pelo oceano.

A composição feita com giz, recortes, espelho e conchas — elementos que guardei em minha coleção pessoal — é minha tentativa de trazer o mar para perto, mesmo quando a praia se faz distante. É uma paisagem íntima, onde mergulho para me ver flutuando entre fragmentos, como quem habita uma casa que nunca será sua, mas que existe na vastidão da fantasia, na insistência de construir um litoral possível para um encontro com o que é meu por escolha e

paixão. O espelho, mais do que um objeto, é o portal que dá forma ao que sinto. Sem ele, a lembrança desvanece, a maré de memórias esmaece. Ele reafirma minha sede de pertencer, minha âncora em mares profundos. Frente a esse reflexo, algo em mim encontra seu lugar. É como se, nesse instante, eu estivesse realmente ali — na praia, no sussurro do mar, no coração de uma presença que atravessa o tempo e me traz de volta ao meu lar ideal.



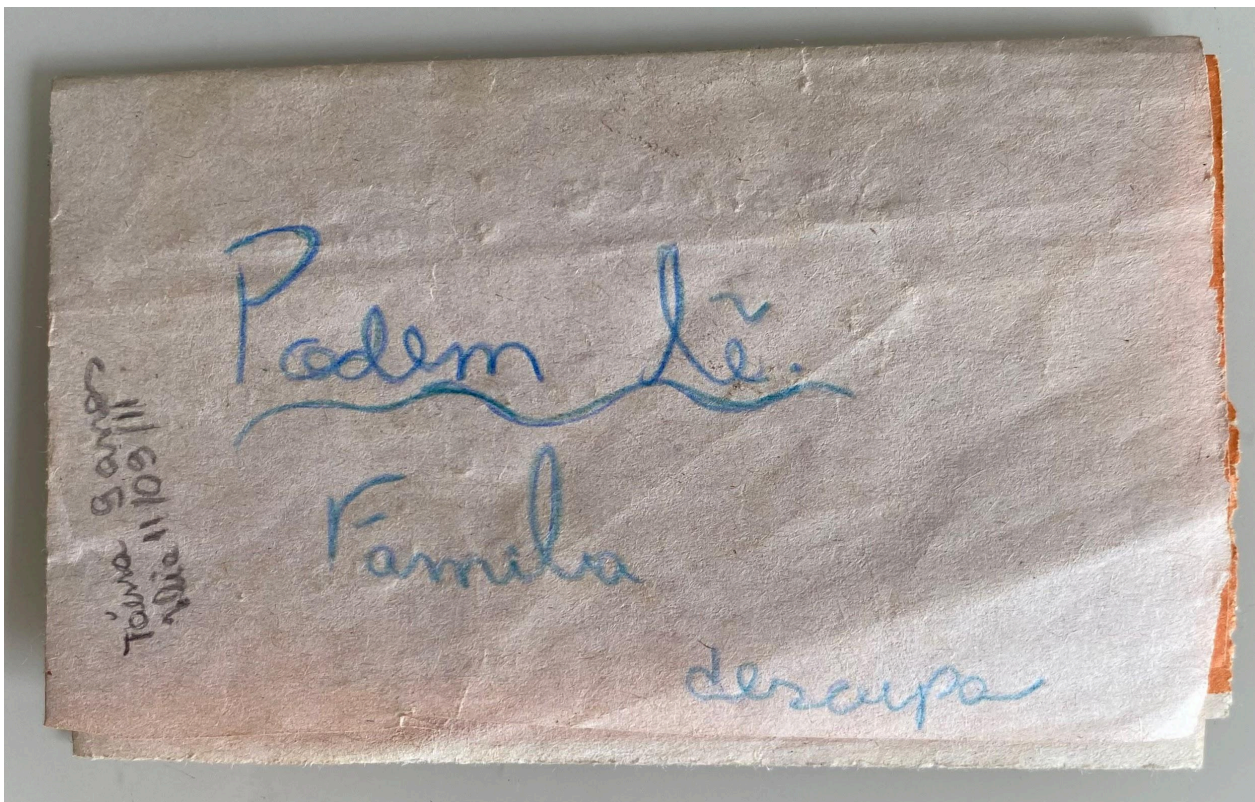
Figura 15 - *Meu Mar* (2024) / Papel A2 - 42 x 59,4 cm / Colagem analógica feita a partir do acervo da artista: papéis, conchas, espelho e giz pastel oleoso



Detalhes Figura 15 - *Meu Mar* (2024)

Sendo assim, continuo a me cercar de elementos que remetem ao mar, como se, de alguma forma, esses fragmentos fossem suficientes para me fazer sentir parte dele novamente. Cada obra que produzo, cada memória que revivo ou recrio é uma tentativa de voltar àquele instante em que a linha entre mim e o oceano era invisível, quando eu podia me lançar às suas ondas sem medo de ser engolida. É uma carta de amor às águas que sempre me chamaram, um lembrete de que o mar, mesmo distante, nunca deixa de ser parte de quem sou. Mas, ao mesmo tempo, reconheço que talvez essa busca nunca tenha fim. Talvez o mar, ou o que ele simboliza para mim, seja sempre uma jura distante, um horizonte que se move conforme avanço, uma casa que nunca se deixa habitar por completo. E, quem sabe, no final, seja essa busca interminável que realmente importa.

À vista disso, o ambiente marítimo se tornou uma promessa silenciosa de pertencimento, de liberdade e plenitude, mas também de transitoriedade. Ele me oferece um vislumbre de algo que escapa pelas bordas, uma conexão que não pode ser plenamente apreendida, apenas vivida em flashes de memória e sensação. Talvez seja por isso que o persigo, por este pacto não cumprido, por essa ilusão de permanência que, no fundo, sei que nunca se concretizará. Ele me chama para suas profundezas, mas também me mantém à distância, como se quisesse me lembrar que sua verdadeira essência não está em sua posse, mas em sua observação, em estar em sua presença sem jamais domesticá-lo.



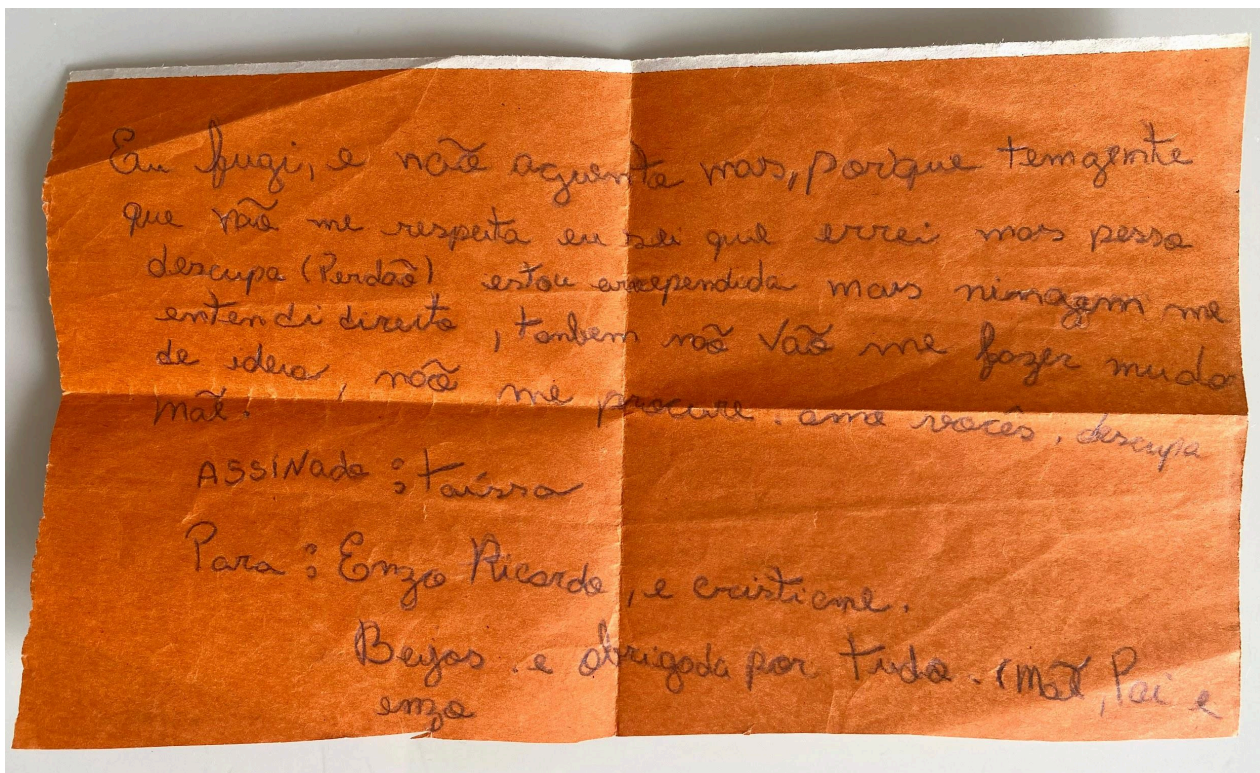


Figura 16 - Carta escrita à mão - Acervo da Artista / Papel Reciclado - 24,5 x 14 cm / 2011

No longa-metragem *Praia do Futuro* (2014), dirigido por Karim Aïnouz, Donato, interpretado por Wagner Moura, trabalha como salva-vidas, e seu irmão caçula o admira profundamente pela coragem demonstrada ao se atirar no mar para resgatar desconhecidos (Figura 17). Em certo momento, o irmão comenta que sonhava com uma praia sem água, pois, ao mesmo tempo que se encantava com a vastidão do mar, temia suas águas inconstantes. Penso que, assim como o mar, as lembranças não podem ser moldadas à nossa vontade. Elas se revelam quando querem, em formas que nem sempre controlamos. Paradoxalmente, essa falta de controle é o que nos move, o que nos impulsiona a continuar buscando. O mar, assim como a memória, é uma construção fluida, maleável, que escorre pelas nossas mãos quando tentamos prendê-lo.

No filme, mesmo em meio ao deslocamento e ao exílio, o personagem de Wagner sempre encontra uma forma de retornar ao seu elemento, de mergulhar em si mesmo. Esse retorno é o que nos aproxima, pois também crio o meu mar quando ele me falta. Faço dessa busca a ondulação de uma maré inventada, uso as conchas como testemunhas da minha distância. A memória é como uma âncora que me prende e que, no mesmo instante, me liberta. Ela me

traz de volta à realidade de que aquelas vivências permaneceram no passado e não podem ser revividas. Mas, ao mesmo tempo, conecta-me às raízes de quem fui, ao que moldou minha essência e que, de algum modo, ainda vive em mim. A água e a memória são como uma extensão de quem somos — imensas, mutáveis, espelhos das nossas profundezas e das marés que carregamos por dentro. Quando estou longe delas, falta-me o fôlego. É como se meu próprio ser só existe em resposta às águas e às minhas recordações imponentes, mais antigas e vastas do que eu mesma. Sem elas, não há encontro com o que sou; sem elas, não estou.



Figura 17 - *A Praia do Futuro* (2014) / Karim Aïnouz / Imagens retiradas do filme

Em determinado semestre que estive pela FAV/UFG, assisti ao filme de Aïnouz em uma disciplina chamada *Tópicos em arte: Notas sobre Cinema*, ministrada pelo meu orientador Dr. Odinaldo da Costa Silva e, a partir desta experiência, me dediquei a fazer meu primeiro *stop motion* intitulado carinhosamente de *A Praia de Giz* (2023). Inspirado pelo sonho do meu afilhado de conhecer o mar, utilizei giz pastel oleoso, uma gravação caseira e mais de 130 *frames* desenhados à mão para realizar esse desejo e levá-lo ao litoral (Figura 18). Construir uma memória que sequer existe é o primeiro passo para que ela exista de fato. Durante o processo de produção, me vi várias vezes questionando a urgência que sentia em concluir o projeto. Era como se, ao desenhar cada quadro, eu estivesse transferindo para mim o anseio daquela criança, sentindo na pele a intensidade do instinto de conhecer algo tão vasto e distante. Eu sabia exatamente como era carregar um sonho assim, preso às limitações da paisagem que nos cerca e nos impedem de visualizar novos mundos.

As noites em claro, tecendo com cuidado os detalhes de um sonho que não era só meu, me fez perceber que essa motivação é algo muito mais profundo e antigo dentro de mim. A obsessão em materializar tal atração — de criar o mar para quem ainda não o viu — parecia ecoar uma busca pessoal, que transcende o trabalho em si. Percebo que esse impulso, essa necessidade de dar forma ao inalcançável, é uma força que me acompanha há muito tempo, e que dificilmente se dissipará. Talvez porque, assim como o meu afilhado, eu também carrego em mim o desejo de vislumbrar o que está além da perspectiva que me cerca, de transformar ausências em presenças, e de realizar, mesmo que artisticamente, aquilo que toca o meu querer.



Figura 18 - *A Praia de Giz* (2023) / 47 seg. / Stop Motion com interferências à mão em giz pastel oleoso / Trilha Sonora: Heroes - David Bowie

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

No stop motion *Perten(Ser)* (2024), optei por traçar uma narrativa entre o cerrado e o mar, onde a personagem, entediada do cenário seco e amarelado ao seu redor, embarca em uma jornada em busca da deriva azul que tanto deseja. Em uma das primeiras cenas, ela se dirige a uma parede de seu quarto, dedicada aos seus *posters*, e admira um deles que exhibe a imagem de uma exuberante praia (Figura 19). Sua expressão muda rapidamente e, finalmente, ela sorri. Embora singelo, esse elemento desempenha papel fundamental no ânimo, no sentimento e, sobretudo, no pertencimento que a personagem busca. Apesar de ser apenas um pedaço de papel colado à parede, aquele pequeno espaço dedicado à sua paixão faz diferença na forma como ela mantém seu sonho vivo.

Em *A História da Eternidade* (2014), obra dirigida por Camilo Cavalcante, conhecemos Alfonsina, uma jovem de 15 anos que mora no sertão nordestino e tem o anseio, quase que visceral, de conhecer o mar. Assim como *Perten(Ser)*, o longa também concentra suas cenas nesses espaços íntimos onde se projetam os próprios desejos. Como por exemplo, logo nas primeiras cenas conhecemos o quarto da personagem, a câmera destaca os detalhes de recortes de revistas, fotografias de belas praias, uma abundância de azul em um universo ensolarado. Esses fragmentos estão colados na parede acima da cama de Alfonsina, e ela se encontra, como que em um ato religioso, hipnotizada pelos vislumbres do que tanto sonha em vivenciar (Figura 20). Em ambas as produções é possível perceber a disciplina e o vigor que as protagonistas perseguem qualquer vestígio, ainda que apenas em papel, do ambiente litorâneo.

Essas imagens de praias, por mais distantes e inatingíveis que sejam, parecem representar algo muito maior do que apenas uma vontade física de estar em outro lugar. Esses símbolos tornam-se promessas de uma vida que escapa ao controle das personagens, um pacto selado entre elas e a paisagem, espelhando quem almejam ser e quem nunca mais serão, quando em seu destino chegarem. Em outras palavras, o que tanto buscam a partir do mar, é justamente a mudança de perspectiva sobre suas próprias vidas, o que está em jogo é mais do que um simples percurso por locais diferentes — é uma procura por algo que transcende o cenário árido em que se encontram, uma fuga do confinamento de estar eternamente condicionado a

realidade de onde se veio. Em seu ensaio *A Filosofia da Paisagem* (1913), o cientista social alemão Georg Simmel (1858 - 1918) diz:

Paisagem: uma contemplação em si reclusa, apercebida como unidade auto-suficiente, enraçada, porém, numa extensão infinitamente ampla, numa torrente vasta, e guarnecida de limites que não existem para o sentimento do Uno divino e do todo da natureza, o qual reside em baixo, noutra estrato. Incessantemente são por este reativados e dissolvidos os limites auto delineados da paisagem respectiva que, avulsa e autónoma, é sublimada pelo saber obscuro acerca deste nexa infindo - tal como a obra de um homem está ali qual criação objectiva, auto-responsável e, no entanto, permanece num entrelaçamento dificilmente expressável com a alma inteira, com a vitalidade integral do seu criador, por ela sustentada, e todavia ainda ondeia, sempre perceptível. (Simmel, 1913, p. 6 e 7)

A frase apresenta uma reflexão filosófica sobre a ideia de "paisagem" como algo que vai além da mera contemplação visual. Ela sugere que a paisagem, quando percebida, é um todo auto-suficiente, uma vez que apenas é completa pois existe um observador para capturá-la. Ou seja, a paisagem é refém da memória, é um conceito que existe apenas porque está intimamente entrelaçado com os repertórios de quem a vê. Quando Simmel diz que a paisagem é “sempre perceptível” entendo que tanto em *Perten(Ser)*, quanto em *A História da Eternidade*, a trama se sustenta nos fragmentos de suas imaginações e/ou vivências que as personagens possuem do que para elas é entendido enquanto *Mar*. Portanto, pode-se dizer que, independentemente do referencial, a paisagem sempre é individual, reside no incógnito modo que armazenamos imagens mentais dos lugares que nos projetamos.

Em um momento marcante do longa de Camilo Cavalcante, a personagem Alfonsina vive uma experiência sensorial profunda de encontro com o mar, cuidadosamente proporcionada por seu tio, que também carrega uma admiração intensa pelo horizonte azul. Com os olhos fechados, ela se entrega ao cenário que ele cria: ele usa um espelho para refletir luzes em seu rosto, imitando o movimento cintilante das ondas; depois, sopra delicadamente água em sua pele, simulando a brisa salgada. E, para completar essa experiência, ele coloca uma concha em seu ouvido, permitindo que ela ouça o som da maré. Assim como ela, muitas vezes me deixo envolvida por um delírio de sentir o mar, quase como se eu pudesse tocá-lo e experimentá-lo com os sentidos da memória e da fantasia. Resgato o cheiro, o gosto da água, o vento que carrega sonhos de lugares distantes — uma lembrança inventada que não mata a sede, mas a alimenta. Esse vislumbre fugaz, tão vívido e intangível, não é o bastante, mas é o suficiente para manter viva a ânsia, para fazer da minha busca ainda mais fervorosa.

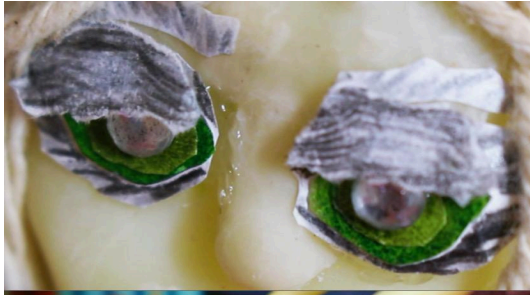


Figura 19 - *Perten(Ser)* (2024) / 8 min. / Stop Motion tridimensional com interferências de colagem analógica, giz pastel oleoso e personagens em biscuit e materiais reciclados / Trilha Sonora: Devito no Beat

Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

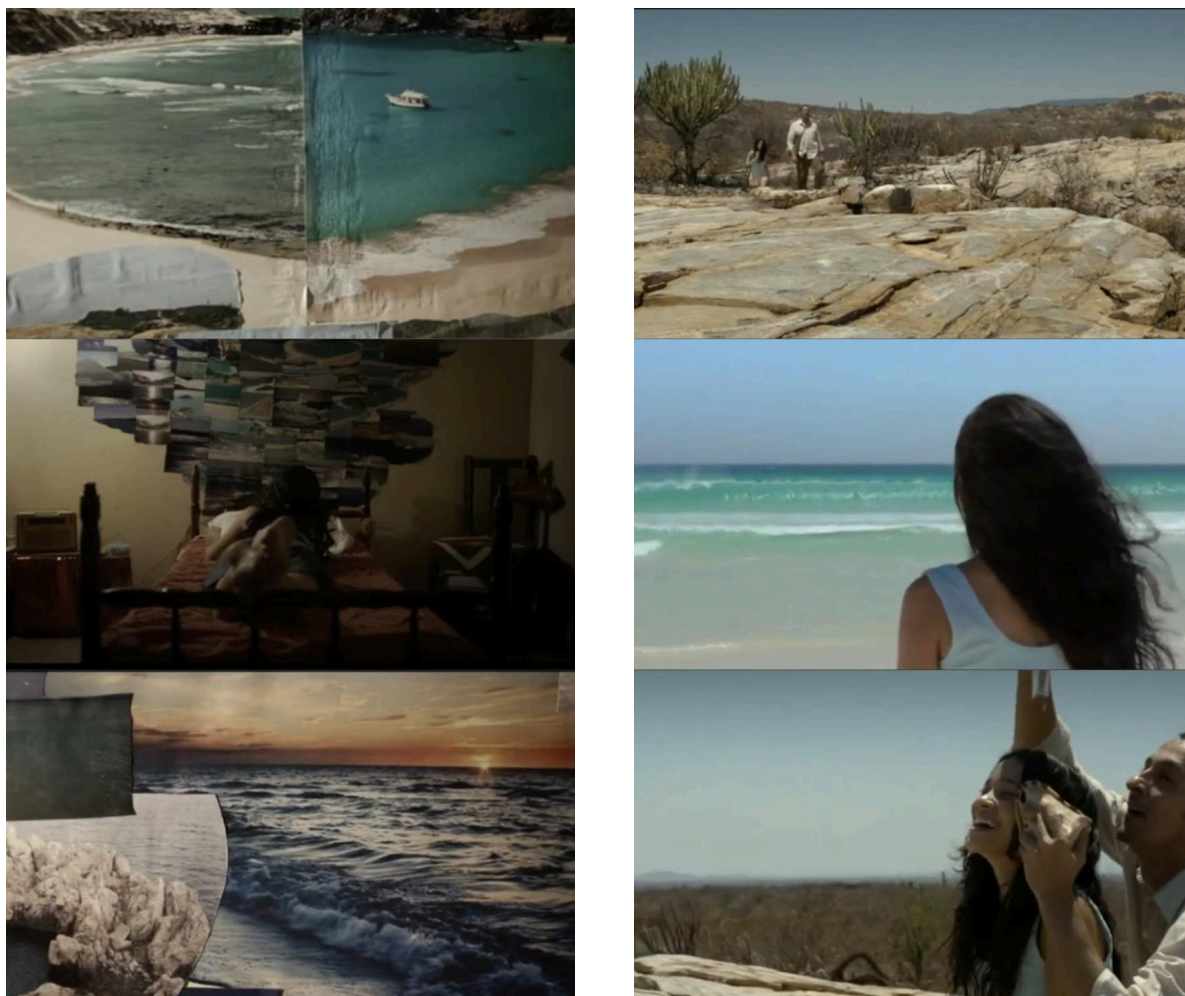


Figura 20 - *A História da eternidade* (2014) / Camilo Cavalcante

No entanto, a relação entre memória e criação artística vai além da simples busca por reviver momentos. Ela levanta outras questões: até que ponto nossas lembranças são autênticas? E, mais importante, até que ponto precisamos que elas sejam autênticas? Ao construir obras que misturam memórias e invenções, como faço em *Invenção e Memória* e na animação *Perten(Ser)*, percebo que a linha entre verdade e ficção se torna cada vez mais difusa. Dessa forma, a questão da lembrança pode ser vista como um paradoxo. Por um lado, buscamos confiar em nossas memórias como representações precisas do que vivemos. Por outro lado, sabemos que a mente humana constantemente edita e adapta essas recordações. Acredito que,

assim como a pensadora Susan Sontag (1933 - 2004) escreveu em seu texto *Na Caverna de Platão* (1977):

Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmara incrimina. Depois de inaugurado seu uso pela polícia parisiense, no cerco aos *communards*, em junho de 1871, as fotos tornaram-se uma útil ferramenta dos Estados modernos na vigilância no controle de suas populações cada vez mais móveis. Numa outra versão de sua utilidade, o registro da câmara justifica. Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem. Quaisquer que sejam as limitações (por amadorismo) ou as pretensões (por talento artístico) do fotógrafo individual, uma foto – qualquer foto – parece ter uma relação mais inocente, e portanto mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos. (Sontag, 1977, p. 16)

A memória e as fotografias reúnem uma característica essencial: embora originem-se de fatos, não precisam ser completamente fiéis à eles. O que armazenamos em nosso inconsciente e as imagens que capturamos refletem não só o que vivemos, mas o que conseguimos ou desejamos reter. Há sempre o fator “indivíduo”, que atua como filtro, selecionando, preferindo, imaginando e até inventando detalhes que se ajustam às suas necessidades. Quando escolho as lembranças que alimentam meu fascínio pelo oceano, posso até começar com minhas poucas experiências à beira-mar, mas, quando percebo, acabo guardando-as de forma mais adornada, idealizada, como uma versão aprimorada do que vivi.

A lembrança das lembranças não está apenas na correspondência exata com o que ocorreu, mas na forma como essas memórias continuam a ressoar e a moldar nossa identidade. Elas podem ser verdadeiras a uma "verdade emocional" – refletindo os sentimentos e percepções que tivemos em um dado momento, ainda que os detalhes factuais se desviem da realidade objetiva. Em última instância, as memórias autênticas podem não ser aquelas que coincidem com os fatos, mas aquelas que capturam de forma significativa o impacto emocional na vida de alguém.

Considero o vídeo um recurso extraordinário para explorar produções artísticas que capturam os modos singulares de registrar memórias, especialmente no contexto do stop motion. Essa técnica, antes de ser vídeo, é essencialmente composta por fotografias, e como Roland Barthes (1915 - 1980) observa em *A Câmara Clara* (1980): "Seja qual for a sua representação

e de que forma seja apresentada, uma foto é sempre invisível: não é ela que nós vemos" (p. 14). O mar, a fotografia e a memória acompanham essa mesma essência de invisibilidade; não é exatamente a eles que olhamos, mas sim as projeções que fazem, um espelho das interpretações e emoções que escolhemos ou somos capazes de enxergar. No final, tudo se transforma em um reflexo do nosso próprio olhar, um mosaico de lembranças e percepções que damos vida através da arte. Penso que, em *As Praias de Agnes*, a cena em que a artista manipula espelhos diante das ondas traduz perfeitamente a sensação que tenho ao contemplar os reflexos na água: são eles que guardam as memórias e invenções que carrego dessa paisagem. Mesmo que diluídas, essas lembranças permanecem em algum lugar e se derramam, sem que eu perceba, em tudo o que sou.

Apoiada pelo mar e por tudo o que ele simboliza para mim, minhas criações se aprofundaram em uma temática primordial: a infância. Meu processo atual ressignifica materiais que foram constantes durante meus primeiros anos, levando-me a desenvolver uma pesquisa autobiogeográfica — um estudo de si mesmo por meio dos lugares e objetos que me cercaram desde o começo. Nos trabalhos *Meu Mar*, *A Praia de Giz* e *Perten(Ser)*, optei por manipular apenas elementos que possuem uma história prévia ou que de alguma forma trazem o imaginário da infância, estes são: os retalhos dos *scrapbooks* de minha mãe, as imagens que recortei das minhas coleções de revistas, os objetos descartáveis que mantive colecionando, o uso do giz pastel oleoso e da massinha de modelar. Tal qual o mar, esses materiais foram e voltaram em minha vida, em um movimento semelhante ao das ondas. Durante a graduação, fui rejeitá-las, acreditando que minhas produções artísticas seriam mais “sóbrias” e menos íntimas, focadas em temas externos e afastadas da minha história pessoal. Porém, como as marés que trazem à tona o que precisa emergir, a pesquisa autobiográfica me fez compreender que, por mais que tentemos escapar, sempre acabamos retornando, de algum modo, aos elementos e às pessoas que marcaram o início de nossa jornada.

Às vezes me vejo refletindo que essa obsessão pelo mar nasce justamente da sua ausência em minha trajetória. Ele se tornou a causa do meu libertar — um florescer inalcançável, uma paisagem distante que, paradoxalmente, sinto como "minha". O mar se tornou o cenário impossível de alcançar, aquele horizonte que me escapa, e talvez amá-lo à distância seja mais fácil. É uma paixão que se nutre do que é intocável, aquilo que não se possui plenamente. Confesso que, se fosse mais difícil, eu teria mais ímpeto, maior ânsia, de ir persegui-lo com

força, mas a facilidade de chegar até ele, saber o caminho e sua localização exata, faz com que o desejo entre em um embate com minhas idealizações.

Se a questão fosse apenas a falta do toque das águas salgadas, eu poderia ir. O caminho é claro, ninguém me impede mais. Ir ao mar não é tão simples, mas é tão possível que quase perde o encanto. E é justamente essa facilidade que me trava de correr fisicamente para ele. Porque, na verdade, temo que, ao chegar lá e confrontar a realidade tangível, o mar que o encontro não corresponde àquele que habita minha imaginação. Tenho medo de que, ao vê-lo com os olhos da realidade e não mais da memória ou da teimosia, essa paixão tão intensa se esvaia. O mar real, talvez, não seja capaz de sustentar o peso dos meus anseios, e, ao contemplá-lo de perto e viver ao seu lado, o encanto de ama-lo à distância desaparece, levando, o fascínio que ele exerce sobre mim. Prefiro, então, mantê-lo nesse espaço idealizado, onde a lembrança e a fantasia ainda se misturam, preservando intacto o desejo que se alimenta do que não posso tocar, do que permanece eternamente além do que um dia serei.

Assim, escolho deixar o mar onde ele vive melhor — num horizonte intocável, numa promessa que nunca se cumpre e, por isso, nunca se quebra. Prefiro que ele seja essa extensão infinita que existe no intervalo entre a cobiça e a realização, onde a brisa salgada toca a alma, mas não a pele. O mar que mora em mim é o que nunca enfrento de verdade, mas que continua buscando em sonhos e memórias, guardando sua força intacta, intocada pela presença física, segura no lugar onde as ondas não morrem na areia. Ali, ele é eterno e eu, suspensa nesse quase-encontro, me mantenho fiel ao que ele é para mim.

Capítulo 3 - O Cerrado

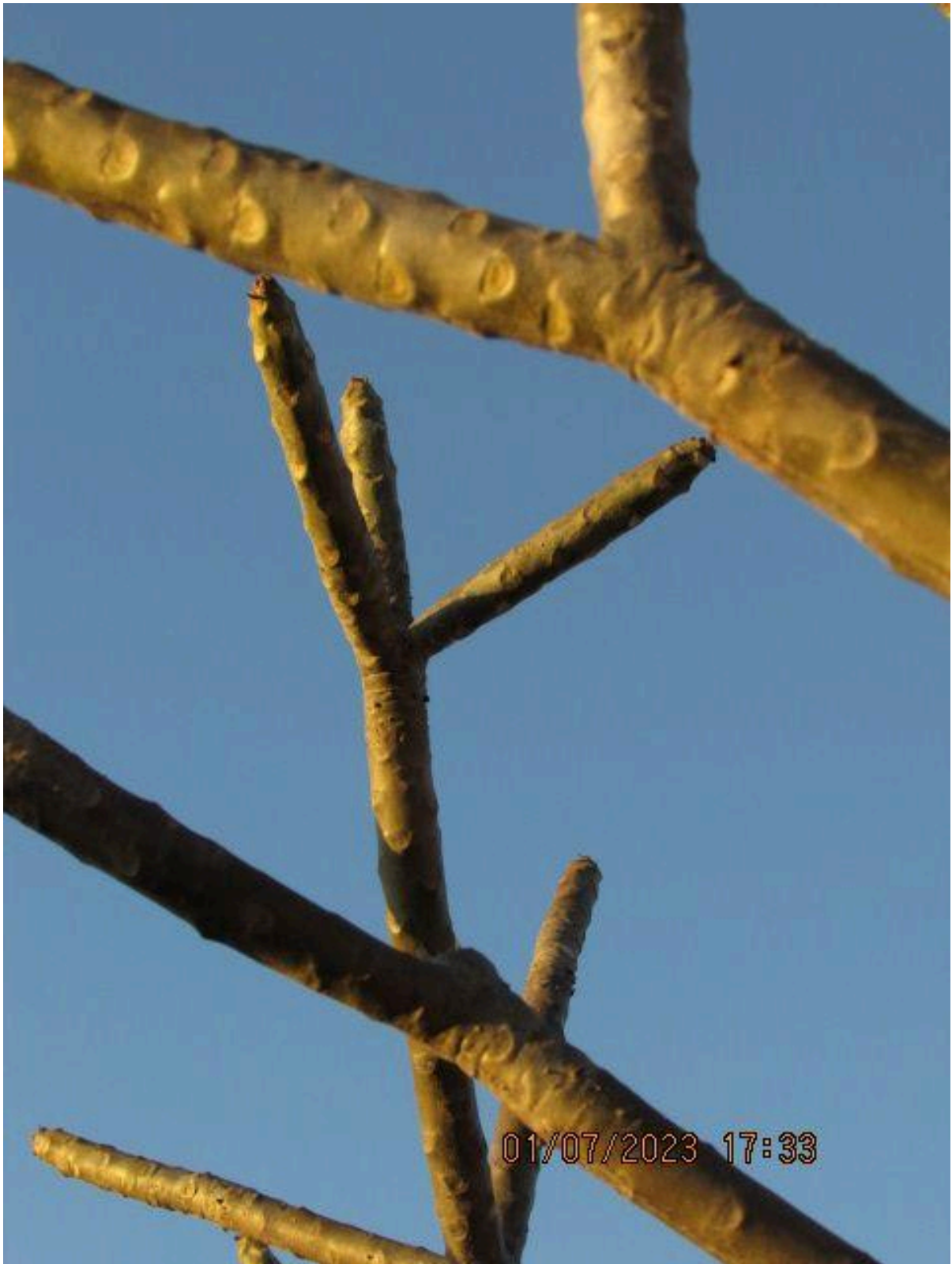
Muitas vezes, evidenciamos o destino que almejamos antes de homenagear a lembrança do lugar de onde partimos. Na pressa de abraçar o futuro, perdemos o fio que nos liga ao passado; e agora sinto que é hora de documentar, considerar, revisitar minhas raízes. Pois, sem elas, não há chão para sustentar nossos sonhos, nem asas para os voos mais distantes. A minha relação com o cerrado é uma ligação de afetos contraditórios: um amor árido e áspero, que fere e acolhe, que cativa e repele. Aqui, sobre esta terra vermelha e quente, mantenho-me entre a saudade e a repulsa. Porque embora o mar seja o meu maior desejo, o cerrado me envolve em sua atmosfera densa e misteriosa. É o lugar que me sufoca e, ao mesmo tempo, me ampara, me impede de ir, mas me oferece morada. Sob este céu imenso, entre estrelas que parecem não caber no horizonte, encontrei algo da amplitude que procuro nas águas salgadas: uma vastidão, uma liberdade que não tem bordas. O *Mar* que ainda me é *Céu*.

Crescer no cerrado, especialmente em Goiânia - Goiás, foi aprender a domar a sede por horizontes marítimos e fazer florescer sonhos em terrenos de poeira e sol escaldante. Desde cedo, descobri uma ânsia que quase beira a obsessão: o desejo de ver o mar, de sentir o sabor salgado da brisa, de ouvir o quebrar das ondas em um ritmo sem fim. Mas, nesse meu cenário de calor e mato seco, precisei encontrar uma direção, um caminho para o oceano que tanto me faltou. Minha infância foi marcada por viagens para os interiores do estado, visitando a casa de parentes distantes, fazendo passeios até a chácara da minha avó, ou acampamentos por entre as árvores e seus troncos tortuosos. No interior, aprendi a olhar o mundo pela janela do carro, a buscar algo além do que estava ali. O movimento constante dos pastos dourados, vistos da estrada, sempre se transformava, em minha imaginação, no vai e vem das ondas; o campo em movimento era o meu mar improvisado.

Até hoje, quando sinto o carro em alta velocidade, o vento entra impetuosamente pela janela e beija minha face, o sol queima a minha pele – e por um instante sou transportada para a praia, ainda que ela esteja a milhares de quilômetros de mim. É o jeito que encontrei de estar perto do oceano; é assim que o cerrado me abraça e, de alguma forma, me leva ao litoral. Aqui, na aridez das savanas brasileiras, onde tudo parece seco e sem fim, aprendi que o mar pode ser, às vezes, uma questão de olhar e de sentir, de permitir que o vento nos carregue e o sol nos aqueça. Cada viagem, cada pedaço de estrada é o meu próprio oceano particular, meu modo de encontrar maresia em meio à poeira.

Em minhas experimentações fotográficas, quando viajei para Brasília em 2023, lancei-me ao desafio de capturar paisagens que, de alguma forma, me transportassem para o mar (Figura 21). Caminhei pelas amplas avenidas, pelo lago Paranoá, pelas construções que se erguem em curvas e ângulos, procurando o reflexo daquela vastidão azul que o oceano ocupa no meu imaginário: um mundo líquido de infinitas possibilidades. Eu buscava um vislumbre do horizonte marítimo, um fragmento de ondas e vento, uma atmosfera que me envolvia e trouxesse a mesma sensação de liberdade e leveza. As imagens que trouxe dessa busca, de certa forma, me incomodaram. Elas carregaram, gravadas nos cantos, as datas e horários exatos em que foram tiradas, algo que, distraída, esqueci de configurar na câmera. Esses pequenos detalhes, que inicialmente parecem uma distração, acabaram se tornando âncoras no tempo, marcas que me registraram o instante preciso em que, por breves momentos, me senti suspensa da paisagem seca e imponente do cerrado e fui, em pensamento, rumo ao litoral. Pode-se dizer que essas marcas, que prendem as fotos ao instante do registro, são uma tentativa de eternizar aquela sensação fugidia de mar. Porque, quando o olhar se perde e o coração se entrega ao devaneio, quase me sinto à beira das águas. Ali, diante das paisagens de Brasília, tentei captar um pedaço desse sentimento que tantas vezes me escapa.













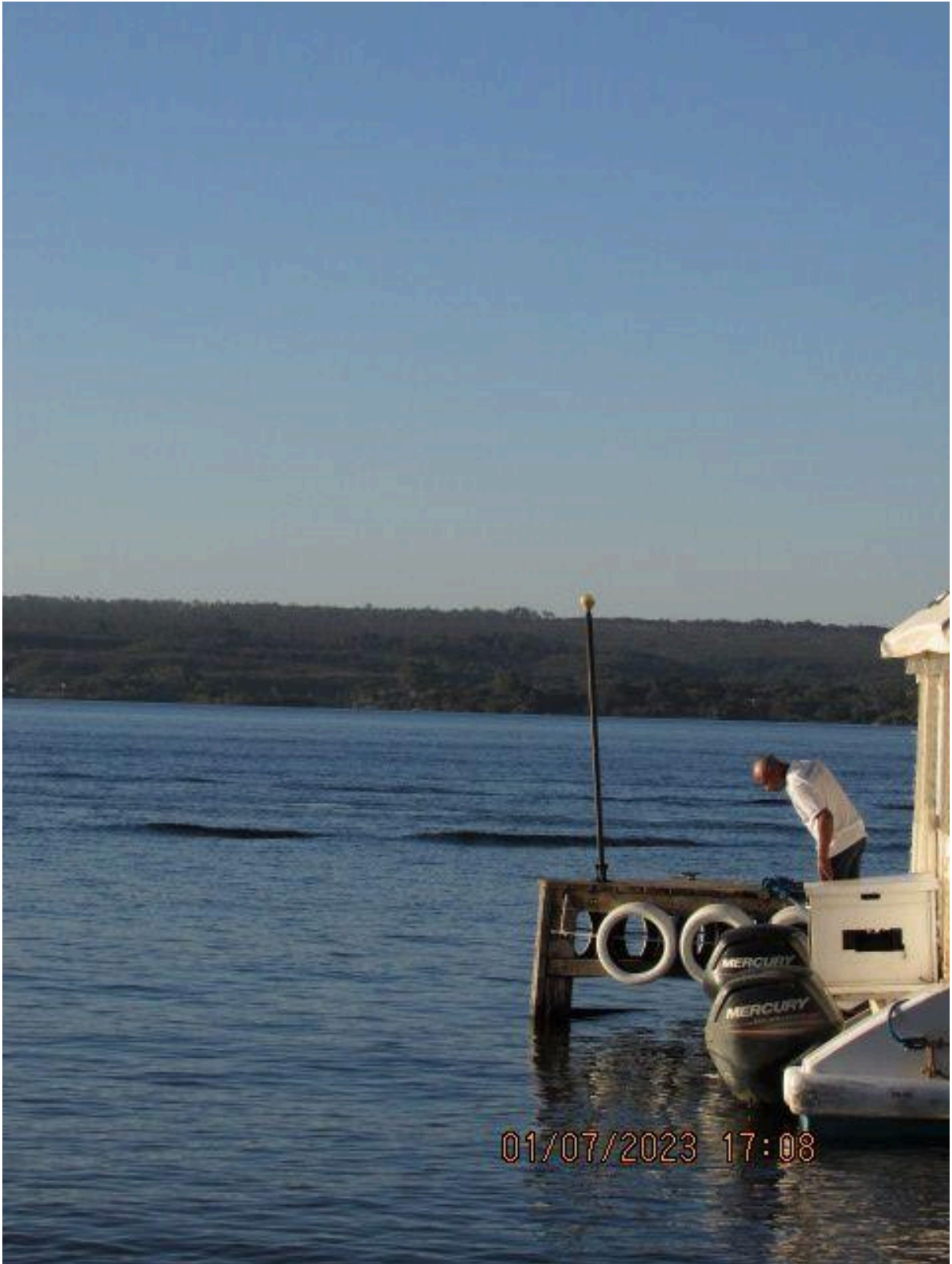




Figura 21 - Experimentações fotográficas em Brasília (2023)

O ambiente onde nasci e cresci é um emaranhado de contradições em minha vida, um enigma que se desdobrou com o passar dos anos. À medida que fui amadurecendo, as perguntas em minha mente cresceram, tornando-se ainda mais inquietantes, sobretudo, quando comecei a me deslocar para outros lugares cada vez mais distantes. Essas viagens me ensinaram algo curioso: só consigo amar o cerrado quando ele está longe, como se a distância fosse um filtro que o torna mais belo. O mesmo acontece com o mar. Prefiro que ele permaneça intocado, selvagem, exatamente como o idealizo, pois temo que o contato direto possa dissolver o sentimento que cultivo.

Há uma verdade difícil de encarar: meu coração se prende aos lugares que estão fora de alcance, aos cenários que habitam apenas minha imaginação. Se fosse possível morar fisicamente nesses espaços sonhados, talvez já tivesse partido. No entanto, em meio às andanças de meu corpo e devaneios de minha mente, cheguei a uma conclusão peculiar: voltar para o cerrado é mais doce do que estar nele. Esse cenário dourado, banhado pela luz quente e pelas terras avermelhadas, é para mim um símbolo de retorno, não de permanência.

Amo reencontrá-lo, sentir sua falta, vivenciar a saudade que ele provoca. Há algo quase sagrado no momento de voltar, quando a estrada se estende à minha frente e o pasto seco pinta o horizonte, me sinto tão familiarizada que por alguns instantes até me esqueço do tanto que já tentei me desconectar totalmente daqui. No entanto, esse amor só floresce quando estou longe. Para amar o cerrado, é preciso deixá-lo, afastar-me para que a ausência transforme o que era cotidiano em poesia. Amo o cerrado como se ama uma lembrança, um amor que somente pulsa na distância. Amo-lo assim, de longe, onde ele permanece intocado pelo peso da convivência, é infelizmente ou felizmente, a maior prova de amor que posso dar ao lugar que me criou.

No vídeo *Entre o Talvez e o Nunca* (2023), experimentei misturar filmagens de viagens a algumas cidades de Goiás com fragmentos de textos que escrevi durante o ano (Figura 22). Ao entrelaçar essas paisagens goianas às frases, percebi que minha relação com esse cenário se assemelha às experiências amorosas que vivi até então. A primeira frase do trabalho, “te encontrar foi como te perder” (min 00:45), reflete, em minha perspectiva, uma convergência delicada entre o sentimento de encontrar ou perder alguém que se ama. Os inícios e os fins têm essa estranha simetria: são portais pelos quais sempre retornamos. Conhecer alguém e se apaixonar é perder-se de si mesmo, é dissolver a percepção solitária da vida para vê-la se transformar pela presença do outro. Essa pessoa se torna onipresente, impregnando o cotidiano de uma companhia invisível, mas profunda. Perder alguém, por outro lado, é ganhar uma história que antes não existia. É ser tocado por uma marca que, embora dolorosa, perpetua uma memória viva em sua jornada.

O cerrado, para mim, é esse "outro" com quem vivo um entrelaço constante de perdas e reencontros. Encontrá-lo é sentir sua presença persistente, como uma sombra que nunca me abandona, ainda que às vezes me pareça quase obsoleta. Perdê-lo, no entanto, é como cuidar de uma saudade preciosa, uma nostalgia que aprendi a acolher e até a preferir. O cerrado me ensina, em sua vastidão silenciosa e resiliência árida, que tanto o amor quanto a paisagem são experiências de transformação — onde a perda é, na verdade, uma nova estrada a percorrer.

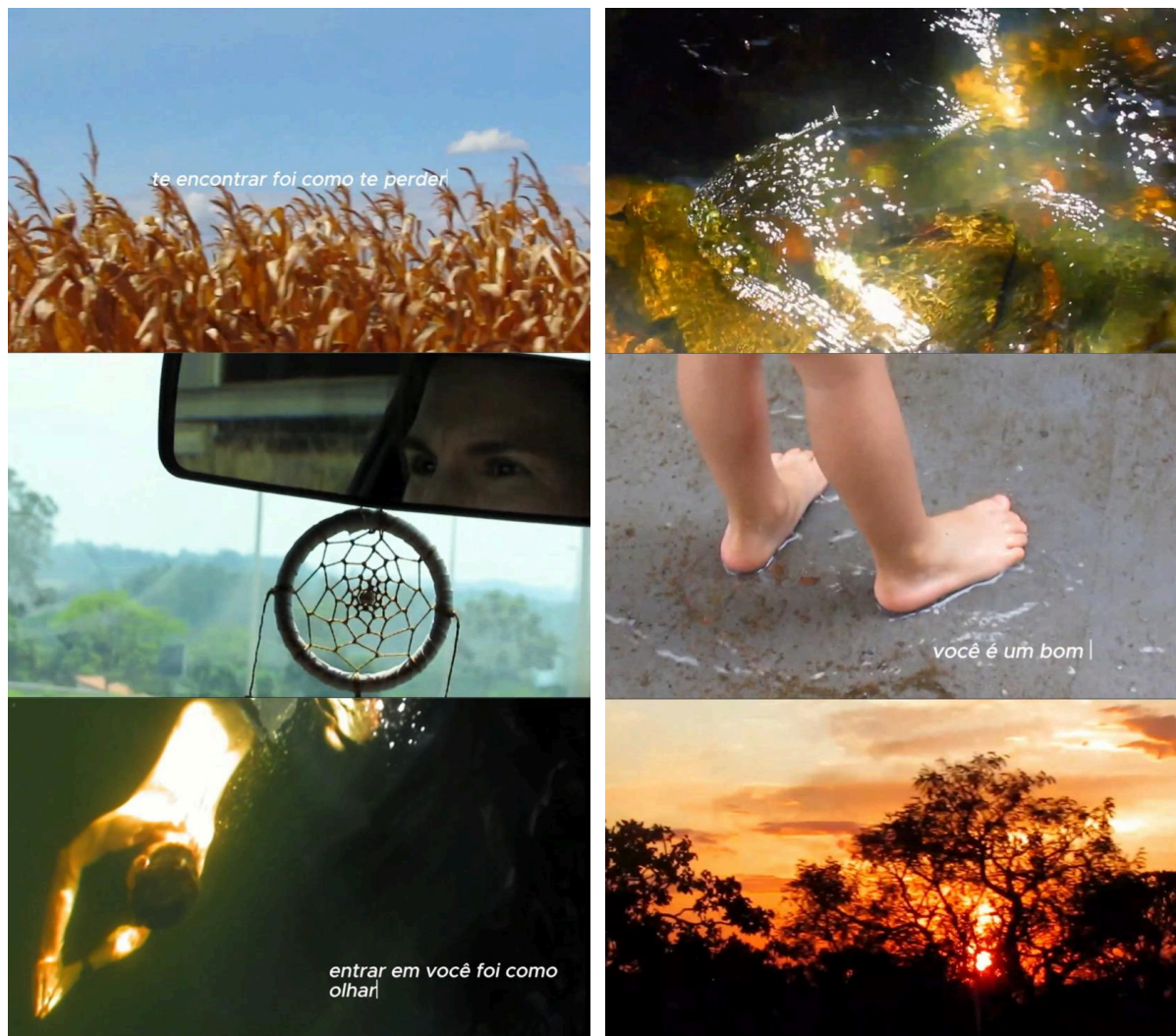


Figura 22 - *Entre o Talvez e o Nunca* (2023) / Videoarte / 04 min. 18 seg. / Trilha Sonora: Arthur Verocai - *Dedicada a Ela* (1972) / Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

Ao revisitar com novas lentes o meu crescimento em terras goianas, permito-me recriar, na colagem *Aqui é u Goiás* (2023), um ambiente profundamente entrelaçado ao imaginário da minha infância: os bares de Goiás (Figura 23). Esses espaços, tão familiares, foram cenários vivos da minha formação. Junto à minha família, vivi intensamente a cultura boêmia de Goiânia, sendo uma criança que explorava as brinquedotecas dos estabelecimentos enquanto meus pais conversavam à mesa. Saboreava as generosas *jantinhas* — espetinhos de carne, feijão tropeiro, mandioca e vinagrete —, dançava ao som das músicas típicas que embalavam o público e corria atrás dos cachorros de rua que, como eu, faziam parte daquele universo tão singular.

Evocando essas experiências, percebo o quanto estão profundamente enraizadas em quem sou, marcadas como rastros de luz na memória. Inspirada por isso, decidi criar um novo espaço para essas lembranças. A partir de recortes de revistas de arte renascentista, garimpei figuras e as transporte para um território que conheço como a palma da minha mão: o *bar da esquina*. Nesse processo, ressignifico o cotidiano ao uní-lo ao sublime, transformando o comum em uma celebração do tempo, da cultura e da minha própria história.

Seguindo a mesma ideia, produzo *Aqui é Bão Demais da Conta* (2024) colagem digital feita a partir de elementos analógicos digitalizados (Figura 24). Por meio desses trabalhos, passo a enxergar com mais ternura e afeto a paisagem que me acompanhou em cada passo do meu percurso até o momento presente. É como se, de repente, eu me percebesse não como alguém à margem, mas como um fio intrincado no tecido vivo da cultura de toda uma região. Uma peça discreta, talvez, mas essencial, que se entrelaça com as cores, os sons e os sabores deste lugar, compondo, junto com outros elementos, a vastidão de sua identidade. Assim, redescubro-me parte de algo maior, um reflexo inconsciente do cerrado que, por tanto tempo, também me moldou.

Falando em nostalgia, percebo que minha ligação com o ambiente goiano é uma construção presente por ela: a ausência que pulsa do lugar onde insisto em não estar. É curioso pensar como isso pode ser possível — gostar de algo justamente pela certeza de que, em algum momento, estarei longe dele. É como se a distância fosse o alicerce da saudade, e esta, por sua vez, bordasse um passado adornado, mais belo do que realmente foi, para me prender em uma espécie de pacto discreto. O curioso é que, por muito tempo, sonhei em escapar desse cenário. Foram incontáveis os momentos em que pensei que, ao partir, o deixaria para trás por completo. Mas o que descobri foi exatamente o contrário: quanto mais tento fugir, mais profundamente ele me enraíza. E assim retorno, nostálgica, a esse ambiente que me acolhe e desafia. É um flerte paradoxal — o afastamento traz a proximidade, e a fuga se transforma em volta. Goiás, com seus céus infinitos e seu cerrado tortuoso, é o cenário que sempre busquei deixar, mas que, em essência, nunca abandonei. Ainda em *Entre o Talvez e o Nunca*, quando escrevo:

As coisas chegam e passam, por isso são belas. E ficam ainda mais belas se a gente lembra. Até porque nós só lembramos do que já esquecemos. E tudo que eu mais quero agora é esquecer você. Só para lembrar mais uma vez, outra vez e sempre... (Fróes, min. 02:16, 2023)

Percebo que este espaço se instala em minha vida sobre os alicerces antagônicos da fuga incessante e do retorno imediato. Não retorno por um desejo de permanecer, mas porque há coisas das quais, por mais que tentemos, nunca conseguimos realmente escapar. Goiás está gravado em mim, como uma tatuagem invisível: no meu sotaque, nos meus costumes, nas memórias que carrego, nas raízes familiares, nas amizades que cultivo, nas histórias que compus. Enquanto o mar, esse horizonte inalcançável, simboliza a casa que desejo mas nunca toco, o cerrado é a casa que possuo, ainda que nunca me caiba de verdade. Ele está sempre ali, esperando por mim, um lugar ao qual sei que posso voltar quando for necessário. E, no entanto, essa certeza não me faz pertencer. Não o pertenço, porém, aqui permaneço. Habito suas paisagens como uma visitante que nunca se torna parte, mas que, mesmo assim, não consegue se desvencilhar completamente. É um laço que não escolhi, mas que aceita minha presença, mesmo sem abraçá-la por inteiro.



Figura 23 - *Aqui é u Goiás* (2023) / Colagem Analógica com interferências em giz pastel oleoso e caneta esferográfica / Papel A3 (29,7 x 42cm)



Figura 24 - *Aqui é Bão Demais da Conta* (2024) / Colagem Digital com elementos analógicos digitalizados / 140 x 38,5 cm

O longa-metragem dirigido por Marcelo Gomes (1963) e Karim Aïnouz (1966), *Viajo porque Preciso, Volto porque Te amo* (2010) descreve a vida de um geólogo que é enviado para uma região isolada no Nordeste do Brasil para o levantamento de fontes de água, entretanto, no desenrolar do trajeto começa a sentir a sensação de abandono e solidão (Figura 25). No filme, a paisagem do sertão não é apenas cenário, mas um espelho emocional, refletindo os sentimentos de isolamento, saudade e introspecção do narrador. De forma semelhante, o cerrado em minhas produções é mais do que um território físico; é uma memória viva, uma presença constante que molda a minha identidade, mesmo quando a vontade é apagá-la. Ambas abordagens evocam a ideia de que há lugares que habitamos e que, simultaneamente, nos habitam — carregamos suas marcas nos costumes, no imaginário e nos comportamentos que nos formam, mesmo quando negamos sua influência.

Há também uma relação direta com o movimento de ir e voltar. No filme, viajar é tanto uma fuga quanto uma busca, uma tentativa de lidar com a ausência e com o vazio deixado pelo amor perdido. Em meus trabalhos, a fuga do cerrado carrega o mesmo paradoxo: fugir não significa esquecer, e o retorno não implica pertencimento. Em ambos os casos, o deslocamento físico reflete um percurso interno, onde a paisagem externa — seja o sertão ou o cerrado — dialoga com as emoções mais íntimas, transformando-se em um emaranhado de sensações que acompanha todos que são atravessados pela ânsia de pertencer a algum espaço.

Em minhas investigações sobre como a colagem pode atuar como uma técnica de resignificação, tanto de materiais quanto das representações geradas, desenvolvi uma nova abordagem após produzir *Meu Mar* (2024) (Figura 15). Essa nova proposta, *Meu Cerrado* (2024), consistiu em reconstruir, por meio da colagem, o lugar que marcou a minha formação

(Figura 26). O resultado dessa produção é como um ensaio visual que busca representar como percebo essa paisagem em minhas memórias mais felizes.

De maneira semelhante à colagem inspirada no oceano, apropriei-me de elementos provenientes de *scrapbooks* que minha mãe costumava guardar. Esses materiais, anteriormente utilizados por ela para decorar álbuns de família – incluindo papéis, flores e carimbos decorativos –, foram ressignificados no contexto da obra. O céu desse lugar, em particular, exerce um papel simbólico central em minha vida. Ele representa um substituto para o horizonte azul e líquido que, na maioria dos momentos, foi o objeto da minha busca. Assim, o processo criativo envolve tanto uma releitura afetiva quanto uma exploração estética, reafirmando o potencial da colagem como um meio de resgatar e recontextualizar memórias e experiências pessoais. “Boogarins”, banda goiana de rock psicodélico que foi e ainda é a minha favorita, diz na canção *Benzin* de 2015:

Não há nada como o sol daqui.

Mesmo sem mar.

Eu juro que já quis fugir.

Ir pra não voltar.

Eu tenho um bando que amo aqui.

Não dá pra escapar.

E bem que eu já quis fugir.

Mas só pra voltar. (BOOGARINS, Benzin, 2015)

E tal qual a música, também possuo um “bando” que amo aqui. Esse vínculo não é feito apenas de lembranças do cerrado que habitam minha alma, mas, principalmente, das pessoas que dão vida a essas memórias. Voltar para Goiás é como fazer uma “colagem reversa”, um movimento de descolar-me e deslocar-me em busca de outros mundos, apenas para descobrir que o ponto de partida nunca deixou de ser parte de mim. Há algo inevitável nisso, como se o lugar que me moldou estivesse tatuado em minha essência, presente em cada passo, mesmo quando tento escapar. Porque, no fundo, fugir nunca foi mais do que uma maneira de reencontrar o caminho de volta.



Figura 25 - *Viajo porque Preciso, Volto porque Te amo* (2010) / Marcelo Gomes (1963) e Karim Aïnouz (1966) / Cartaz e imagens retirados do filme





Figura 26 - *Meu Cerrado* (2024) / Papel A2 - 42 x 59,4 cm / Colagem analógica feita a partir do acervo da artista: papéis, flore de tecido, pedras naturais, espelho e giz pastel oleoso

Há algo profundamente intrigante em habitar um lugar que não nos abraça como pertencentes. Nesse espaço de desalinho, aprendemos a criar pequenas brechas de conforto, adoçando os ambientes com fragmentos de nossos anseios, sonhos e projeções de um futuro possível. Assim, tornamo-nos alquimistas do cotidiano, transfigurando a realidade ao moldá-la com aquilo que desejamos que ela seja. No processo de criação do curta-metragem *Perten(Ser)* (2024), enquanto desenvolvia os cenários do quarto da personagem, encontrei-me neste mesmo ato de reinvenção. Cada detalhe que inseri parecia um reflexo direto da minha própria trajetória: elementos que, em diferentes momentos da vida, usei para personalizar os espaços que habitei, tentando torná-los mais acolhedores, mais próximos do ideal que existia apenas em minha imaginação (Figura 27).

Na narrativa do stop motion, a personagem, apesar de viver diante de janelas que revelavam uma paisagem seca, árida e tingida pelo laranja do cerrado, construiu em seu quarto um mundo à altura de seus sonhos. Pôsteres de praias cobriam as paredes, skates pendurados, uma coleção de revistas espalhava manchetes pelo chão, e gatos de estimação preenchiam o

vazio com sua presença. Nesse pequeno universo, ela não apenas habitava, mas resistia e recriava, reafirmando o poder de transformar mesmo os espaços mais inóspitos em refúgios

O quarto que projetei para o curta é, na verdade, uma colagem de todos os quartos que já habitei e daqueles que apenas existiram nos meus sonhos. É uma fusão de lembranças e anseios, um espaço onde o passado se encontra com o que nunca foi, mas poderia ter sido. Em minhas memórias de infância, recordo-me de certas limitações: não me era permitido andar de skate, meus *posters* eram removidos sob o pretexto de preservar as paredes, e os gatos, que tanto desejei, nunca puderam dividir o teto comigo. Essas ausências, no entanto, não se apagaram; elas se transformaram em sementes de criação. Nesse cenário fictício, entrelaço histórias vividas com narrativas inventadas, preenchendo as lacunas deixadas pelo tempo. Cada detalhe carrega um significado: o skate repousando em um canto, os *posters* fixados sem restrição, os gatos que finalmente pude ter. O quarto torna-se mais que um cenário; é um manifesto íntimo, um espelho dos meus fragmentos, um abrigo onde convivem quem fui, quem sou e quem poderia ter sido.

O longa-metragem *O Céu de Suely* (2006), dirigido também por Karim Aïnouz (1966), conta a história de Hermila, uma jovem de 21 anos que está de volta à sua cidade natal, a pequena Iguatu, no interior do Ceará. Ela retorna com seu filho, Mateuzinho, e aguarda a chegada de Mateus, pai da criança, que ficou em São Paulo para acertar assuntos pendentes. O tempo passa e com o desaparecimento de Mateus, Hermila procura formas de se adaptar ao lugar que, anteriormente, havia feito de tudo para fugir (Figura 28). Tal qual a protagonista da obra cinematográfica, também me vi em uma busca silenciosa por formas de pertencer ao cerrado, esse território que tanto me desafiava a ser parte dele. Contudo, em muitos momentos, meu impulso mais visceral era outro: aquele desejo de fuga incontrolável, traduzido nas palavras de Suely, que em uma das cenas declara querer "comprar uma passagem de ônibus só de ida para o lugar mais distante daqui."

No entanto, me vejo nessa dança contraditória entre o apego e o afastamento, entre criar raízes em um solo seco e sonhar com horizontes que nunca vi. No cerrado, tentei encontrar um lugar para chamar de meu, mesmo quando a aridez ao meu redor parecia ecoar a minha vontade de escapar. Minha relação com esse espaço tornou-se, inevitavelmente, uma dança entre a partida e a permanência, um jogo delicado entre o desejo de ir e a necessidade de ficar. Assim como Hermila — ou melhor, Suely — constrói ao longo do filme uma persona que lhe permita tanto sobreviver em Iguatu quanto adquirir as ferramentas para fugir, também

me vejo nesse eterno movimento de moldar personagens que se ajustem ao ambiente em que estou, mesmo sabendo que, no fundo, não pertença a ele.

Como Suely, habito a dualidade entre adaptação e fuga, tentando equilibrar-me sobre a linha tênue que separa a aceitação do desejo ardente por novas perspectivas, sabendo que apenas as encontrarei longe daqui. Espero, ao fim, possuir a coragem suficiente para saciar meus impulsos de me ausentar do cerrado, para finalmente desvencilhar-me da aridez que me cerca e buscar, a qualquer custo, o meu próprio Céu — Aquele espaço onde as raízes não aprisionam, mas libertam, onde os sonhos, enfim, encontram um solo fértil para germinar e crescer sem limites. Um lugar que não apenas acolhe, mas convida a existir plenamente, como se cada desejo fosse uma semente lançada ao vento, pronta para se transformar em vida. Em outras palavras, um mar infinito para se pertencer, onde as ondas carregam não apenas memórias, mas também possibilidades, e o horizonte se abre como promessa de um futuro que espera ser desvendado.

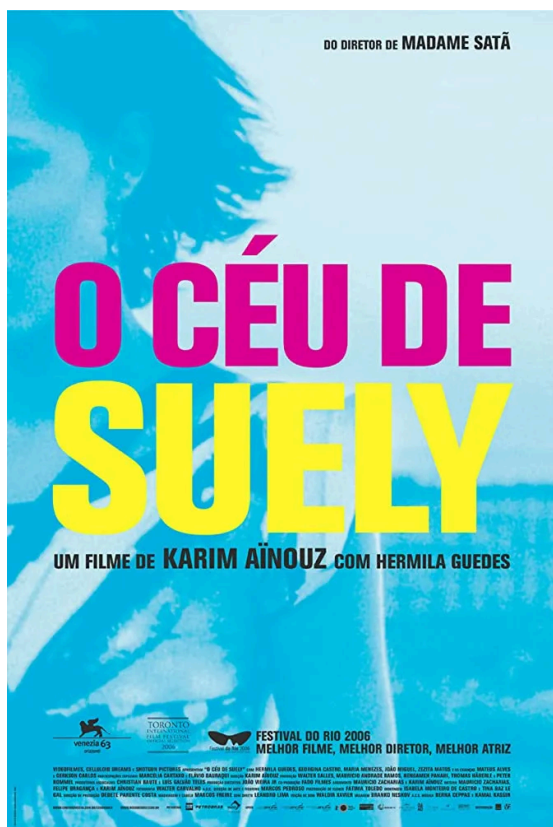


Figura 28 - *O Céu de Suely* (2006) / Karim Aïnouz (1966) / Cartaz e imagens retirados do filme



Figura 27 - *Perten(Ser)* (2024) / 8 min. / Stop Motion tridimensional com interferências de colagem analógica, giz pastel oleoso e personagens em biscuit e materiais reciclados / Trilha Sonora: Devito no Beat / Disponível em: [LINK PARA ACESSO](#)

Compreendo o cerrado como meu alicerce, meu molde, meu berço. Não é um ponto final, mas a primeira morada que me acolheu, onde a vida começou a se desenhar. Seu céu, ora alaranjado, ora cravejado de estrelas, suas vegetações retorcidas, suas rochas silenciosas e suas estradas serpenteantes são mais que paisagem; são símbolos da fidelidade involuntária que mantenho com esse cenário. É uma lealdade discreta, quase invisível, mas que pulsa em mim, ligando-me a Goiás de forma intrínseca e inapagável.

Nas palavras da banda Boogarins, em *Supernova* (2021), ressoa o que sinto:

Eu sou seu sol, seu céu, seu mar

E outras ondas

O que você disser que não, eu sou

Eu me libertei da dor

E agora eu sou as coisas

E o que você disser que não, eu sou

Se tudo está solto

O que resta é eu me juntar

O novo é qualquer lugar

O novo é qualquer lugar. (BOOGARINS,
Supernova, 2021)

Após a construção dessa pesquisa, descobro-me, tal como os versos, sendo o sol, o céu, o mar e tudo o que ainda posso ser. Defender a colagem como eixo central do meu trabalho é assumir que meu destino é me juntar, compor e transportar-me, permitindo que meus instintos me guiem. Seja no cerrado ou no mar, entendo-me como uma eterna composição, feita de lugares vividos e inventados, desejados ou evitados, reais e impossíveis.

Pertenço onde posso ser, e sou onde me sinto pertencente. Esteja eu nas profundezas das águas salgadas do litoral ou no pasto iluminado por um céu em tons de fogo ao entardecer, o que verdadeiramente me interessa é mais do que estar: é integrar-me. Não basta apenas habitar o mundo; quero pertencer a ele, fazer parte da sua trama, ser costura entre paisagens e emoções, entre o que sou e o que serei.

Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de curso se propôs a investigar a relação entre colagem, autobiogeografia e os espaços simbólicos do cerrado e do mar, articulando como esses elementos se entrelaçam na construção de narrativas artísticas e identitárias. Por meio da colagem, entendida não apenas como técnica, mas como linguagem e prática simbólica, foi possível explorar as nuances da memória e do pertencimento, além de estabelecer um diálogo profundo com os espaços habitamos que, por sua vez, moldam nossas experiências e percepções.

A pesquisa revelou que o cerrado e o mar, apesar de suas características contrastantes, convergem em suas significações afetivas e imaginárias. O cerrado, com sua vastidão terrena e o acolhimento de seu céu infinito, representa a origem, o local de pertencimento primário. Já o mar, com sua fluidez e horizontes intermináveis, emerge como um espaço de aspiração, liberdade e transformação. Essa dualidade, ao mesmo tempo geográfica e simbólica, revelou-se central para a construção de uma prática artística que busca equilibrar as tensões entre memória e desejo, entre pertencimento e deslocamento.

No percurso desta pesquisa, ficou evidente que a autobiogeografia não é apenas uma abordagem metodológica, mas um convite para revisitar e reinterpretar os espaços internos e externos que habitamos. A colagem, por sua vez, demonstrou-se uma ferramenta poderosa de expressão e reconstrução, permitindo que elementos dispersos — memórias, objetos, imagens e sentimentos — fossem rearranjados e ressignificados, criando novas paisagens que dialogam com o passado, o presente e o futuro.

Ao longo do trabalho, o “Eu” foi percebido não como um elemento isolado, mas como um ponto de conexão entre histórias coletivas e individuais, entre espaços físicos e emocionais. As narrativas construídas a partir dessa perspectiva revelam que a arte, enquanto prática autobiográfica, possui o potencial de registrar experiências pessoais e de construir pontes que conectam contextos mais amplos, ultrapassando barreiras de tempo e espaço.

Como desdobramento, este trabalho reafirma a importância do espaço na formação de nossas identidades e nas narrativas que construímos a partir dele. Seja o cerrado, com seu silêncio que reverbera, ou o mar, com sua imensidão inquietante, ambos os lugares oferecem um pano de fundo para reflexões sobre quem somos e para onde desejamos ir. O processo criativo

desenvolvido ao longo desta investigação demonstrou que a arte é uma forma de habitar esses lugares, reais ou imaginados, e de encontrar, através dela, uma forma de pertencer.

Por fim, este estudo contribui para o campo da pesquisa acadêmica e artística ao oferecer uma perspectiva que valoriza o diálogo entre memória, espaço e identidade. Através da autobiogeografia e da colagem, foi possível não apenas aprofundar a compreensão desses conceitos, mas também propor um caminho para novas investigações que explorem a complexa relação entre o ser humano e os lugares que moldam suas vivências. Assim, este trabalho não se encerra aqui, mas permanece como um convite aberto para continuar buscando, revisitando e criando paisagens que nos conectem com o que somos e com o que desejamos ser.

REFERÊNCIAS

- AÏNOUZ, Karim. **O Céu de Suely**. Brasil: VideoFilmes, 2006. Filme.
- AÏNOUZ, Karim. **Praia do Futuro**. Brasil: Gullane Entretenimento, 2014. Filme.
- AÏNOUZ, Karim. **Viajo porque Preciso, Volto porque Te Amo**. Rec Produtores Associados Ltda, 2010. Filme.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. 1980.
- BOOGARINS. **Supernova**. Álbum: *Manchaca*, 2021.
- BOOGARINS. **Benzin**. Álbum: *Manual*, 2015.
- BOWIE, David. **Heroes**. Álbum: *Heroes*, 1977.
- CAVALCANTE, Camilo. **A História da Eternidade**. Brasil: Plano 9 Produções, 2014. Filme.
- COPPOLA, Sofia. **As Virgens Suicidas**. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1999. Filme.
- HÖCH, Hannah. **Cut with the Kitchen Knife Dada Through the Last Weimar Beer-Belly Cultural Epoch in Germany**. 1919.
- HOCKNEY, David. **Pearblossom Hwy**. 1986.
- IWESSO, Victor Rezkallah. **Copy/paste: Algumas Considerações sobre a Colagem na Produção Artística Contemporânea**. 2010.
- LANGE, Norah. **Cadernos de Infância**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1937.
- MADONNA. **Love Profusion**. Álbum: *American Life*, 2003.

REGINA, Elis. **20 Anos Blue**. Álbum: *Elis*, 1979.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. **Pesquisa Autobiográfica em Artes: Apontamentos Iniciais**. Revista Nós, 2021.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem**. 1913.

SONTAG, Susan. **Na Caverna de Platão**. In: Sobre Fotografia. Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1977.

TELLES, Lygia Fagundes. **Invenção e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VARDA, Agnès. **As Praias de Agnès**. França: Ciné Tamaris, 2008. Filme.

VEROCAI, Arthur. **Dedicada a Ela**. Álbum: *Arthur Verocai*, 1972.